

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e
Cultura

Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações
Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)

Gabriela Silveira Machado

**A LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA COMO
FERRAMENTA POTENCIALIZADORA DE PRÁTICAS
ANTIRRACISTAS NO PRIMEIRO SEGMENTO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Rio de Janeiro
2022



Gabriela Silveira Machado

**A LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA COMO FERRAMENTA
POTENCIALIZADORA DE PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NO PRIMEIRO
SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá), vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico.

Orientador Professor Helio de Sant' Anna dos Santos, Doutor em Estudos de Linguagem.

Rio de Janeiro

2022

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

S586 Machado, Gabriela Silveira

A literatura negro-brasileira como ferramenta potencializadora de práticas antirracistas no primeiro segmento do Ensino Fundamental / Gabriela Silveira Machado. — Rio de Janeiro, 2022.

62 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Helio de Sant' Anna dos Santos.

1. Relações étnico-raciais – Estudo e ensino. 2. Identidade negra. 3. Representatividade racial. I. Santos, Helio de Sant'Anna dos. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 305.8

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Gabriela Silveira Machado

**A LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA COMO FERRAMENTA
POTENCIALIZADORA DE PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NO PRIMEIRO
SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá), vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá).

Aprovado em: ____/____/____.

Professor Doutor Helio de Sant'Anna dos Santos (Orientador)
Colégio Pedro II - Ererebá

Professora Doutora Verônica Cunha
PPGEDUC/UFRRJ

Professora Doutora Sílvia Barros da Silva Freire
Colégio Pedro II - Ererebá

Dedico esse espaço ao Curso EREREBÁ como um todo. Tive o privilégio de ter contato com excelentes professores que me fizeram refletir sobre minha identidade e ancestralidade. As discussões dessa especialização não só contribuíram para o campo profissional, mas se estenderam para o pessoal. Minha família: companheiro, filhos, irmãos, mãe, sobrinhos. Além de ter atravessado também alguns amigos e colegas de trabalho. Portanto, dedico esse espaço ao meu Orientador Professor Helio de Sant'Anna que durante o curso possibilitou com suas aulas que pudéssemos ter contato com saberes que não tivemos em nenhum outro espaço e a toda a Equipe do Colégio Pedro II que compõe o curso. Espero que, assim como eu, muitos outros educadores tenham a oportunidade e o privilégio de fazer esse curso de especialização.

(Tomaz Miranda, Ronie Oliveira, Márcio Bola, Mamá, Deivid Domênico, Danilo Firmino)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família que é a minha base e está comigo em todos os momentos. Agradeço especialmente ao meu companheiro, Ananias, que caminha comigo lado a lado, divide e compartilha a vida.

Aos meus filhos, Juan e Júlia, que são o principal motivo que me faz acordar todos os dias, buscar ser um ser humano melhor e acreditar que seres humanos conscientes transformam o ambiente. Tanto o companheiro quanto os filhos participaram ativamente das reflexões que essa especialização me trouxe e nos trouxe.

Agradeço aos meus irmãos, Romário e Rozângela, que me fizeram trilhar um caminho diferente do que a realidade me empurrava e estão comigo em todos os momentos de minha vida.

Agradeço à minha mãe, Dona Sebastiana, que com toda sua ternura me educou e me ensinou os melhores valores que pôde.

Ao meu pai, que hoje não está mais entre nós, mas seu legado ancestral ainda se encontra em nossas vidas.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, que fizeram parte dessa trajetória no decorrer do curso e participaram de diversas reflexões.

À Cátia Rosana, uma das responsáveis por me convidar para o curso.

À Vanessa Oliveira, uma amiga e parceira de trabalho.

À Ana Carla Almeida, uma amiga querida que compartilha saberes de aquilombamento no cotidiano.

E ao amigo querido, Amaury Queiroz, uma pessoa extremamente apaixonada pela luta antirracista e que muito me ensina.

É através desse espírito coletivo que consigo alcançar mais uma etapa de aprendizagem e enriquecimento. Sou grata por isso e o mais importante de tudo é poder coletivizar esses saberes com os meus.

*Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato...*

RESUMO

MACHADO, Gabriela Silveira. **A Literatura negro-brasileira como ferramenta potencializadora de práticas antirracistas no primeiro segmento do Ensino Fundamental.** 2022. 52 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá)) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Rio de Janeiro, 2022.

O presente trabalho de pesquisa trata da relevância da Literatura negro-brasileira nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no período da infância. Destaca, por meio da análise comparativa de duas obras, aspectos relacionados à crítica ao mito da democracia racial na narrativa *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado, e ao potencial de *O Black Power de Akin*, da autora Kiusam de Oliveira, de apresentar e evidenciar os valores civilizatórios afro-brasileiros como elementos fortalecedores na construção da autoestima e da identidade na criança negra. É um trabalho teórico, de revisão bibliográfica e pretende discutir as relações entre o cânone e a literatura negro-brasileira, as implicações do cânone enquanto um projeto hegemônico que ignorou outras fontes de cultura e de literatura presentes na sociedade brasileira, pois não abre espaço para outras perspectivas não eurocêntricas. Tais reflexões serão realizadas a partir de apontamentos de importantes teóricos: Gomes (2021), Nascimento (2020), Cuti (2010), Pereira (2021), Oliveira (2020) e Trindade (2005)

Palavras-chave: literatura negro-brasileira; relações étnico-raciais; representatividade; identidade negra; racismo.

ABSTRACT

MACHADO, Gabriela Silveira. The Black-Brazilian Literature as a tool that enhances antiracist practices in the first segment of elementary school. 2022 xx f. (total sheets). Course Conclusion Work (Specialization in Education of Ethnic-Racial Relations in Basic Education (Erebá)) - Colégio Pedro II, Pro-Rectorry of Graduate Studies, Research, Extension and Culture, Rio de Janeiro, 2022.

The present research paper deals with the relevance of black-Brazilian literature in the early years of elementary school, in the childhood period. It highlights in the comparative analysis of two works aspects related to the criticism of the myth of racial democracy in the narrative *Menina Bonita do Laço de Fita*, by Ana Maria Machado, and the potential that *O Black Power de Akin*, by the author Kiusam de Oliveira, presents in highlighting afro-Brazilian civilizing values as strengthening elements in the construction of self-esteem and identity in black children. It is a theoretical work, bibliographic review and intends to discuss the relations between the canon and black-Brazilian literature, the implications of the canon as a hegemonic project that ignored other sources of culture and literature present in Brazilian society, as it does not make room for other non-Eurocentric perspectives. Such reflections will be based on notes from important theorists: Gomes (2021), Nascimento (2020), Cuti (2010), Pereira (2021), Oliveira (2020) and Trindade (2005).

Keywords: Black-Brazilian literature. Ethnic-racial relations. Representativeness. Black identity. Racism.

Lista de figuras

Figura 1 Páginas 2 e 3 do livro "Menina bonita do laço de fita"	25
Figura 2 páginas 8 e 9 do livro "Menina bonita do laço de fita"	26
Figura 3- Páginas 14 e 15 do livro "Menina bonita do laço de fita"	32
Figura 4- Páginas 20 e 21 do livro "Menina bonita do laço de fita"	33
Figura 5-Estatística Demográfica- Ano 1600.....	35
Figura 6- Páginas 10 e 11 do livro " O Black Power de Akin”	42
Figura 7- Página 22 do livro "O Black power de Akin"	45
Figura 8- Páginas 24 e 25 do livro "O Black Power de Akin"	50
Figura 9 Valores civilizatórios afro-brasileiros em O Black Power de Akin.....	54

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	OBJETIVOS	11
2.1	Objetivo Geral	11
2.2	Objetivos Específicos.....	11
3	JUSTIFICATIVA	12
4	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
6.	APRESENTAÇÃO DE DADOS	22
6.1	Relações entre o cânone e a literatura negro-brasileira em <i>Menina Bonita do Laço de Fita</i> de Ana Maria Machado e <i>O Black Power de Akin</i> de Kiusam de Oliveira.....	24
6.2	Mito da Democracia racial e miscigenação em <i>Menina bonita do laço de fita</i> de Ana Maria Machado.	29
6.3	A potência da literatura negro-brasileira em <i>O Black Power de Akin</i>.	38
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
	REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

O tema a ser abordado e desenvolvido nesse trabalho de conclusão de curso é um novo olhar para a Literatura apresentada aos estudantes do primeiro segmento do Ensino Fundamental. Dessa forma, dialoga-se com autores teóricos no intuito de provocar análises e reflexões que possibilitem compreender como o cânone literário se apropria das temáticas étnico-raciais de uma forma romantizada e estereotipada, sem problematizar e valorizar a história e trajetória do negro brasileiro. Essa construção canônica encontrada na narrativa de Ana Maria Machado favorece o mito da democracia racial. Em contrapartida, acredita-se que a literatura negro-brasileira na infância escolar possibilita ressignificar a literatura, fortalecer a autoestima e construir a identidade de crianças negras pautadas na positividade.

A escolha desse tema de pesquisa se deve à necessidade dos estudantes do primeiro segmento do Ensino Fundamental conhecerem outras narrativas que valorizem a diversidade étnico-racial e resgatem suas subjetividades através da Literatura.

Cabe ressaltar a importância da Literatura negro-brasileira como uma escrita produzida e pensada como um lugar de reflexão acerca da experiência histórica e social do autor (PEREIRA, 2021). Através de diversas análises teóricas acredita-se ser importante buscar compreender que não existe apenas uma história como única e sim diversas cosmovisões e epistemologias que nos permitem enxergar, compreender e pensar a nossa existência no mundo.

Resgatar obras negro-brasileiras é uma tentativa de conhecer o passado, repensar o presente para se projetar no futuro. É também um ato de resistência, de preservação da tradição e da cultura das populações pretas. Acredita-se que as experiências sociais vivenciadas na sociedade brasileira pelos sujeitos negros trazem à tona as discussões que a diáspora africana, a violência colonial e o processo escravizatório impediram de germinar. Problematizar e ressignificar essas temáticas, através das narrativas negro-brasileiras, já no primeiro segmento do Ensino Fundamental é urgente e necessário. Acredita-se que esse processo de integração dolorosa do negro na sociedade brasileira, quando é ressignificado, transforma-se em força e potência através da literatura e de outras formas de produzir e expressar a arte negra.

Essa pesquisa se propõe a evidenciar, através de uma análise teórica de duas obras literárias para crianças, uma canônica e outra negro-brasileira, quais as discussões que permeiam essas narrativas, como são construídas e pensadas e quais os desdobramentos

sociais e históricos que essas construções permitem. Será discutido o processo de construção da identidade de crianças negras na infância, como os espaços e o tempo influenciam nesse processo de construção, quais são os valores civilizatórios colocados em pauta e o que precisam essas crianças para fortalecer sua autoestima, pertencimento e confiança em si mesmas. Também se pretende ressaltar a importância do Movimento Negro na construção de políticas públicas específicas para a população negra no Brasil.

Tais reflexões apresentam embasamento teórico de renomados intelectuais: Gomes (2021), Nascimento (2020), Cuti (2010), Pereira (2021), Oliveira (2020) e Trindade (2005).

2 OBJETIVOS

Nessa seção será apresentado os objetivos que se pretende alcançar com a análise comparativa de duas obras que resgatam a perspectiva étnico-racial. A obra Menina bonita do laço de fita é escrita por uma autora branca que tem cadeira na ABL e a outra uma obra negro-brasileira, escrita por uma autora negra, militante e comprometida com a prática antirracista. Esses objetivos buscam evidenciar a potência que existe na obra negro-brasileira e sua importância para desenvolver as práticas antirracistas no primeiro segmento do Ensino Fundamental.

2.1 Objetivo Geral

Fortalecer o processo de afirmação da identidade negra na infância através da literatura negro- brasileira.

2.2 Objetivos Específicos

- Realizar uma análise comparativa de duas obras infantis: a obra de Ana Maria Machado, Menina Bonita do Laço de Fita, e a obra de Kiusam de Oliveira, O Black Power de Akin;
- Compreender como o cânone reproduz a temática étnico-racial e constrói personagens marcados por estereótipos que favorece o mito da democracia racial;
- Evidenciar a potência da Literatura negro-brasileira na construção do processo de afirmação da identidade negra na infância.

3 JUSTIFICATIVA

O presente projeto de pesquisa tem por motivação o resgate de identidades de crianças e jovens que foram e continuam sendo fragmentadas pelas vivências no contexto do racismo. Esse resgate é pensado através da ressignificação das narrativas apresentadas aos estudantes nos espaços escolares. Outra motivação para a pesquisa passa por uma infância que inclui a Turma da Mônica, a Xuxa e os Trapalhões como referenciais de personagens os quais permearam e estiveram presentes no processo de construção de identidade da infância de quem viveu nos últimos quarenta anos. Não havia personagens pretos protagonistas nessas produções artísticas citadas. Os que existiam eram pautados por estereótipos ou eram personagens pouco desenvolvidos, como os coadjuvantes.

É importante ressaltar a necessidade de um re-olhar para as narrativas que corriqueiramente são apresentadas nas instituições escolares. A necessidade de ampliar o repertório da literatura infantil para além dos “contos de fada” surge como uma proposta que vai criar referências que podem influenciar e contribuir no processo de construção da identidade negra na infância. De acordo com pesquisas e análises teóricas, é possível perceber uma supervalorização de narrativas canônicas que folclorizam, favorecem o mito da democracia racial e ridicularizam o negro brasileiro, além de serem trabalhadas apenas no mês de novembro.

Uma narrativa muito utilizada nas escolas públicas com o primeiro segmento do Ensino Fundamental é o livro *Menina bonita do laço de fita* (2020), de Ana Maria Machado, obra publicada pela primeira vez em 1986. Percebe-se a necessidade de formação para os educadores no intuito de trazer reflexões para problematizar as questões étnico-raciais e compreender como se deu de fato a história desse país, e como ela continua sendo escrita e construída. A obra de Machado é um grande clássico que teve diversas premiações, porém a narrativa, apesar de trazer a questão étnico-racial, não consegue dar conta da discussão do racismo no Brasil e se pauta pela perspectiva da miscigenação e do mito da democracia racial como sendo algo harmonioso e positivo. Ela leva ao entendimento que a história e trajetória da negritude no Brasil se resume apenas em mera reprodução de pretos, brancos e “mulatos” ou mestiços. A obra não possibilita trazer à tona as discussões que a diáspora provocou na vida e nas experiências negro-brasileiras. Uma vez que não problematiza isso, ela contribui com a perspectiva do silêncio e do mito da democracia racial. As narrativas que compõem esse cânone apresentam uma construção de personagens negros sem protagonismo e, na

maioria dos casos, suas aparições têm o intuito de apenas incluir um personagem negro na história. Desenvolvem papéis sem uma personalidade definida e, quando há definição, é estereotipada, muitas vezes favorece a construção de um processo que romantiza a trajetória histórica do negro brasileiro sem fazê-lo conhecer de fato sua história e ancestralidade.

Essa pesquisa é extremamente importante para evidenciar a potência que a literatura negra oferece às crianças e aos jovens pretos oriundos das periferias. As narrativas negro-brasileiras permitem que esses estudantes se conectem com sua ancestralidade, seus corpos, sua história e memória. Além da representatividade e do empoderamento, o contato com essas histórias também dá rosto à história que não nos foi contada de forma a permitir que o negro seja o principal porta-voz do discurso. Essa escrita negro-brasileira é um lugar para a reflexão da realidade social, histórica e política de quem escreve. É a escrita que parte de quem viveu e vive a realidade da negritude no Brasil.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Os pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa se pautam nas teorias e estudos de Nilma Lino Gomes (2021), Abdias Nascimento (2020), Azoilda Loretto da Trindade (2005), Kiusam de Oliveira (2020), Edimilson de Almeida Pereira (2021) e Luiz Silva Cuti (2010).

Esses estudos são cruciais, pois pretendem constatar que historicamente a literatura brasileira foi pensada e construída a partir do viés eurocêntrico. Também é imprescindível para constatar a potência da literatura negro brasileira que mesmo silenciada, apagada e marginalizada preserva a riqueza, a memória e a ancestralidade de um povo que construiu esse país.

Abdias Nascimento (2020), em sua obra *O Genocídio do negro brasileiro*, desmistifica os mitos construídos historicamente que contribuíram com a formação de um ideário nacional que sustenta o mito da democracia racial no Brasil. Esse mito silencia e distorce a discussão racial sob o viés de quem viveu e vive o processo de opressão e desigualdade que a escravidão germinou neste país.

Durante o século passado, predominou a visão hegemônica de que as condições dos negros no Brasil eram muito mais favoráveis do que a vivida pelos negros no Sul dos EUA ou na África do Sul do Apartheid. Nesse contexto, a visão que se construiu foi a de que há uma democracia racial no Brasil. Esse conceito de Democracia racial supostamente refletiria determinada relação concreta na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas. (NASCIMENTO, 2020). É pautada nessa perspectiva que a obra de Ana Maria Machado, *Menina Bonita do Laço de Fita*, é pensada e construída.

Essa perspectiva de construção da narrativa tem como base teórica o mito da democracia racial. Gomes (2021) afirma que através da narrativa do mito que é extremamente conservadora – porém transfigurada em discurso democrático – a igualdade das raças é destacada. Trata-se, no entanto, de uma falsa igualdade, pois ela se baseia no apagamento e na homogeneização das diferenças.

As ideias discutidas e defendidas por Abdias Nascimento (2020) e Nilma Lino Gomes (2021) dialogam numa perspectiva que busca compreender como se dão as relações étnico-raciais no Brasil. Para Nascimento (2020) existe uma certa etiqueta que dificulta qualquer

discussão sobre o assunto e, para Gomes (2021), o Brasil construiu, historicamente, um tipo de racismo insidioso, ambíguo, que se afirma via sua própria negação e que está cristalizado na estrutura da nossa sociedade. Uma grande contribuição da autora Nilma Lino Gomes é de ressaltar a importância do Movimento Negro ao longo dos tempos desvelando o discurso do mito da democracia racial no Brasil. A autora afirma que, ao politizar a raça, o Movimento Negro desvela a sua construção no contexto das relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros, sua história, cultura, práticas e conhecimentos; retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia racial.

A narrativa de Ana Maria Machado é permeada por indagações de um personagem à menina, acerca de sua origem e ancestralidade. Esses questionamentos partem de um personagem, o coelho branco, que admirava a menina e dizia que quando casasse queria ter uma filha pretinha e linda como ela. Nesse contexto, o coelho faz uma pergunta clássica durante quase toda a história: “– Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo para ser tão pretinha?” (2020, p.8, 10 e 12)

A menina utiliza respostas que são fora da realidade. Ela nunca tinha uma resposta que se aproximasse um pouco mais da realidade e ela inventava. Primeiro disse que caiu na tinta preta quando era pequenina, depois disse que tomou muito café quando era pequenina e por último disse que comeu muita jabuticaba quando era pequena. O personagem coelho sempre buscava imitar essas explicações dadas pela menina e sempre acabava mal, com dor de barriga, e até a chuva que lavou toda a tinta de seu corpo e voltou a ser branco novamente.

Esse fato que revela um certo silenciamento expresso pelo desconhecimento de suas origens é fundamentado por Nascimento (2020), quando ele diz que uma das explicações do desconhecimento e apagamento da história da negritude no Brasil se deve também ao ato de 1899, da incineração de todos os documentos – inclusive registros pertinentes à escravidão, ao tráfico negreiro e aos africanos escravizados. Segundo o autor, supunha-se apagar a “mancha negra” da história do Brasil. Como consequência lógica desse fato, não possuímos hoje os elementos indispensáveis à compreensão e análise da experiência africana e de seus descendentes no país.

O desdobramento da narrativa canônica de Machado (2020) é pautado pelo mito da democracia racial, que traz à tona a miscigenação e o colorismo. A ideia de que o Brasil é um

país miscigenado e democratizado racialmente. Quanto a isso, Nascimento (2020) é bem claro quando diz que o Brasil herdou de Portugal a estrutura patriarcal de família e o preço dessa herança foi pago pela mulher negra, não só durante a escravidão. Ainda nos dias de hoje, a mulher negra, por causa da sua condição de pobreza, ausência de *status social*, e total desamparo continua vítima fácil, vulnerável a qualquer agressão sexual do branco. O autor afirma que essa realidade social é oposta à prevalente ideia de que a formação do Brasil se verificou obedecendo a um processo integrativo imune de qualquer preconceito; tirar a máscara do português e do brasileiro “branco” isentos de procedimentos racistas. Liquida certos argumentos considerando que aquela ausência de preconceitos teria permitido ao colonizador engajar-se numa saudável interação sexual com a mulher negra: não só brasileiros, como latino-americanos. Para o autor, o mito da “democracia racial” enfatiza a popularidade da mulata como “prova” de abertura e saúde das relações raciais no Brasil.

Contudo, percebe-se que a narrativa de Ana Maria Machado traz o negro em uma visão distanciada, segundo o autor Domício Proença (2004), *A menina bonita do laço de fita* aparece como um tema, pois a autora não consegue mostrar de fato as contribuições da população negra na construção do Brasil e acaba por favorecer mitos construídos historicamente que silenciaram, distorceram, marginalizaram, estereotiparam e silenciaram toda a trajetória de luta, resistência, ancestralidade e potência que tiveram os negros no Brasil.

A narrativa *O Black Power de Akin* (2020), da autora Kiusam de Oliveira, mostra a potência da Literatura negro-brasileira. Edimilson de Almeida Pereira (2021) considera essa escrita como sendo uma modalidade de criação literária através do qual autoras e autores afro-brasileiros têm inscrito sua participação na vida social e na cena literária brasileira. Almeida (2021) afirma que, a partir das obras que constituem essa vertente literária, percebe-se que, de certa maneira, se entrelaçam: a primeira vinculada à experiência. No que diz respeito à produção do texto como lugar de reflexão acerca da experiência do sujeito negro, essa vertente literária pode ser caracterizada como uma literatura de fundação. Sob essa perspectiva, o fazer literário é apresentado como uma resposta específica de um grupo a circunstâncias históricas marcadas pelo embate entre diferentes segmentos da sociedade.

O autor traz importantes reflexões e contribuições acerca da escrita negra e ou/ afro-brasileira. Uma delas é a análise que ele faz de como o cânone literário se reafirma e acaba por não dar espaço para outras vertentes literárias. Ele diz que a Literatura negra e ou/ afro-brasileira roça a pele do cânone literário brasileiro. Complementa dizendo que o período de

articulação do cânone literário brasileiro revelou as cenas de um drama interno, ou seja, a formulação de um modelo cultural dominante que, em larga medida, ignorou outras fontes culturais e outras formas literárias presentes na sociedade brasileira. Por conta disso, o cânone da literatura Brasileira – legitimado a partir da forma escrita produzida por sujeitos sociais privilegiados – acentuou no plano da cultura os abismos de natureza política e econômica vigentes no país.

Cuti (2010) considera que a literatura afro-brasileira e a literatura negro-brasileira têm diferentes perspectivas. Para o autor, “afro-brasileiro” e “afro-descendente” são expressões que induzem a um “discreto retorno à África”, ele conclui que “a literatura africana não combate ao racismo brasileiro”. Nesse sentido, o autor diz que posicionar-se como negro tornou-se mais difícil à medida que o termo afro se popularizou no Brasil. Sendo assim, ele diz que “a palavra negro nos remete à reivindicação diante da existência do racismo, ao passo que a expressão afro-brasileiro nos lança em sua semântica, ao continente africano, com suas 54 nações.

É partindo desse contexto que Kiusam de Oliveira (2020) constrói sua narrativa. A autora se compromete com essa vertente literária que, segundo Almeida (2021), punge as feridas sociais do país. Além de romper com a lógica eurocêntrica que supervalorizou o cânone literário brasileiro e deu ênfase à literatura escrita sem contemplar as produções orais instaladas e desenvolvidas no Brasil pela população negra que veio com a Diáspora africana.

Oliveira (2020) dialoga com a perspectiva ideológica de Cuti e nos apresenta a literatura negro-brasileira. Segue a mesma linha de Cuti ao considerar que essa literatura surge no Brasil, portanto ela é negro-brasileira por ser produzida e utilizada como ferramenta antirracista. A autora sinaliza que estuda a possibilidade de ampliar o uso desse conceito cunhado por Cuti para Literatura Negra-Brasileira do Encantamento, (2020)

sendo aquela escrita por mulheres negras que como eu, conscientes das questões que envolvem o racismo brasileiro e que elaboram, portanto, seus textos a partir de realidades vividas desde dentro, com o objetivo explícito de instrumentalizar e fortalecer as crianças negras em termos de repertórios e forças para que combatam o racismo e se empoderem desde pequenas, sem desconsiderar o cruzamento necessário entre as categorias de raça e gênero na construção dos textos literários nos campos da literatura infanto-juvenil. (OLIVEIRA, 2020, p.10)

A literatura que Oliveira (2020) propõe-se, segundo ela mesma, a estar ligada às infâncias, às crianças que precisam se encantar pelos próprios corpos negros apesar de se socializarem em contextos violentos e racistas. A autora vê a infância de forma afro-

referenciada, dizendo que ela não está condicionada a ações predeterminadas pelas faixas etárias e sim pela tradição. Nessa perspectiva, o processo de aprendizagem se dá de corpo inteiro e não somente com o cérebro, e se materializa através de recursos populares como provérbios, músicas, cantigas, brincadeiras, rodas, ou seja, a cabeça não se coloca acima de outras partes do corpo.

A narrativa *O Black Power de Akin* (2020) é permeada por valores civilizatórios afro-brasileiros. Essa expressão é um conceito de Azoilda Loretto da Trindade (2005). De acordo com a autora, essa expressão tem a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus descendentes brasileiros e brasileiras (as implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil. Valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração.

A narrativa de Kiusam de Oliveira (2020) resgata valores afro-brasileiros como: oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, cooperatividade, ancestralidade, afetividade e memória. O avô do menino Akin, seu Dito Pereira é amoroso e sabe usar esses valores para encorajar e empoderar seu neto, preparando-o para combater o racismo presente na sociedade. Através da ancestralidade esse avô consegue mostrar aos netos e principalmente a Akin que o povo preto é um povo forte, potente, bonito, alegre, inteligente, conhecedor das técnicas ligadas ao cultivo da terra e acima de tudo o povo que construiu as riquezas deste país.

5 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Esse é um trabalho de pesquisa teórico, bibliográfico e qualitativo. O trabalho tem o intuito de evidenciar a potência da Literatura negro-brasileira na infância, suas implicações no espaço escolar e suas contribuições no processo de afirmação da identidade negra. Foram selecionadas duas obras infantis para esse fim. Uma obra considerada canônica: *Menina Bonita do Laço de fita* da autora Ana Maria Machado e uma obra negro-brasileira *O Black Power de Akin* da autora Kiusam de Oliveira.

Conhecer um pouco de cada autor durante o curso EREREBÁ foi crucial para o levantamento de autores teóricos que embasam essa pesquisa. Os artigos e livros que eles produziram foram os materiais necessários para a realização dessa pesquisa teórica.

Primeiro foi feita a leitura de quatro obras literárias para crianças. Duas obras canônicas e duas negro-brasileiras. No decorrer do período da Orientação para a escrita desse trabalho, a tese foi sendo delimitada e apenas duas obras foram selecionadas: a obra canônica da autora Ana Maria Machado e outra negro-brasileira da autora Kiusam de Oliveira.

Foram realizados vários encontros de Orientação com o Professor Doutor Hélio de Sant'Anna dos Santos. Os encontros eram em grupo de início e, à medida que os assuntos estudados foram sendo mais delimitados, passaram a ser individuais.

Para a construção da análise, foi necessária uma revisão bibliográfica que utilizou fontes secundárias. Essas fontes contribuíram para a compreensão das teorias e estudos dos autores teóricos: Nilma Lino Gomes, Abdias Nascimento, Edimilson de Almeida Pereira, Azoilda Loretto da Trindade, Luiz Silva Cuti e Kiusam de Oliveira. Esses são os principais autores que embasam a análise dessas duas obras.

Essa análise busca evidenciar a força da Literatura negro-brasileira no fortalecimento da identidade negra na infância. E também tem a intenção de mostrar que essa Literatura abre espaço para outras subjetividades. Subjetividades essas que trazem um discurso afirmador da diferença, de outros valores civilizatórios, da reescrita de uma ideia de nação miscigenada e homogeneizada.

Entendemos a obra negro-brasileira analisada como uma tentativa de reescrita de um ideário de nação que encontramos na obra canônica da autora Ana Maria Machado. Enquanto a obra canônica atende a perspectiva da miscigenação e do mito da democracia racial, a obra negro-brasileira parte de uma perspectiva que busca humanizar os povos e fazer com que crianças negras conheçam sua história, se valorizem e se orgulhem de quem são.

Para a realização dessa análise, fez-se necessário o levantamento de uma bibliografia de autores teóricos que pensam e discutem a infância. Autores negros que têm um discurso pautado pela vivência e experiência negra, que discutem educação e que também escrevam narrativas na perspectiva antirracista.

Nilma Lino Gomes e Kiusam de Oliveira são educadoras que atuam ou já atuaram em espaços escolares e também têm livros publicados para o público infanto-juvenil. Nilma também foi Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial- SEPPIR (2015) e do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos (2015 – 2016) do governo da Presidenta Dilma Rousseff. Foi utilizada uma fonte secundária para pensar a importância do Movimento Negro como um ator político protagonista nas discussões antirracistas, o livro *O Movimento Negro Educador*. Já Kiusam de Oliveira propõe uma Literatura Negro-Brasileira do Encantamento.

Azoilda Loretto da Trindade foi selecionada para a pesquisa porque discute a importância dos valores civilizatórios afro-brasileiros desde a Educação infantil. Ela pensou teorias e práticas que contribuem para um cotidiano escolar que valoriza a diversidade e abraça todas as singularidades, dentro da perspectiva de uma Educação antirracista.

A obra *Menina bonita do laço de fita* foi selecionada para a análise pelo fato de ser muito utilizada e conhecida popularmente nos espaços escolares. Também por ser trabalhada sem reflexão necessária e por partir de uma perspectiva de nação miscigenada e homogeneizada, que favorece e fortalece o mito da democracia racial. Para a análise dessa obra, foi necessário a utilização de uma fonte secundária, que apresentou as ideias de Abdias Nascimento em seu livro *O Genocídio do Negro Brasileiro*.

O autor Luiz Silva, o Cuti, foi selecionado para embasar a análise por contribuir na concepção da Literatura negro-brasileira como sendo uma literatura que combate o racismo brasileiro. Segundo o autor, é uma literatura que nasce da população negra que se formou fora de África. Essa ideia vai de encontro a proposta de leitura elaborada pela autora Kiusam de Oliveira, que segue uma perspectiva que possibilita ser utilizada como uma ferramenta de práticas antirracistas.

Edimilson de Almeida Pereira também é um intelectual que escreve para crianças e também apresenta reflexões que contribuem para compreensão da importância da autoria negra e da valorização das singularidades e da diversidade.

Todos esses autores estudados contribuíram e continuam contribuindo com reflexões que chegam no chão da escola e potencializam o processo de afirmação da identidade negra na infância. Essa potência encontrada na literatura negro-brasileira pode ser uma grande ferramenta de práticas antirracistas no primeiro segmento do Ensino Fundamental.

A pesquisa buscou analisar as duas obras infantis comparando-as. Destaca as diferentes perspectivas que elas apresentam. Traz uma breve apresentação sobre os subtemas que serão discutidos para se pensar na potência da literatura negro-brasileira na infância. Apresenta uma discussão sobre as relações entre o cânone literário e a literatura negro-brasileira, como o apagamento e silenciamento histórico da trajetória negra faz com que somente uma vertente literária predomine. Outro ponto a ser discutido será como a obra *Menina bonita do laço de fita* fortalece o mito da democracia racial e a miscigenação. A análise de trechos da obra *O Black Power de Akin* foi realizada com a intenção de mostrar a potência da literatura negro-brasileira. Para evidenciar a potência da Literatura negro-brasileira há a criação de um esquema que marca e potencializa partes da narrativa. Por fim, a análise comparativa das obras é realizada, através de criação de um quadro comparativo que estabelece critérios pautados pela perspectiva dos valores civilizatórios afro-brasileiros.

6. APRESENTAÇÃO DE DADOS

O presente trabalho visa realizar a análise dos livros infantis *Menina Bonita do Laço de Fita* (2011) da escritora Ana Maria Machado e *O Black Power* de Akin (2020) da escritora Kiusam de Oliveira, tendo como ponto de reflexão os estudos de Nilma Lino Gomes, Abdias Nascimento, Edimilson de Almeida Pereira, Kiusam de Oliveira, Azoilda Loretto da Trindade e Luiz Silva Cuti.

Ana Maria Machado, uma mulher branca, formada em Letras, jornalista, professora, pintora e escritora, publicou mais de 40 livros e já recebeu diversos prêmios. É a sexta ocupante da cadeira 1 da Academia Brasileira de Letras, e é a primeira escritora infanto-juvenil a ocupar esse lugar. Publicou o livro *Menina bonita do laço de fita* pela primeira vez em 1986.

Em seu blog pessoal, Machado revela que o livro não foi inspirado numa menina negra, mas em sua filha, que é branca, filha de pai italiano. Diante do fato, percebe-se que a autora escreve sobre algo que não vive e não problematiza de fato as questões étnico-raciais sob a perspectiva da vivência histórica e social. Cuti evidencia essa questão em seu livro *Literatura negro-brasileira*:

No contexto brasileiro, já vimos que foram estrangeiros que primeiramente fizeram estudos acerca da presença negra na literatura brasileira. Como tema, simplesmente, ou por trazer elementos rítmicos das tradições de origem africana, a literatura feita por brancos explicitou a distância entre o sujeito e seu objeto, como se quem pronunciasse o discurso fizesse questão de dizer que este não diz respeito a uma subjetividade negra e sim branca. (2010, p.37):

A literatura em si possibilita o resgate da realidade. Acredita-se que toda literatura, mesmo sendo infantil, não é inocente e apresenta uma certa intencionalidade, sendo assim um projeto político. Fernanda Rodrigues Miranda, em seu artigo *Narrativa e experiência histórica nos romances de autoras negras brasileiras: silêncios prescritos* (2019), traz reflexões de extrema relevância. Ela destaca o quanto a literatura tem o poder de construir representações de um projeto de nação, de sujeito, de experiências históricas e do tempo. Miranda resgata que, quando nosso país deixou de ser colônia de Portugal, foi necessário construir-se como nação. Portanto, um dos marcos foi a criação de institutos responsáveis pela seleção e manutenção da memória. A construção dessa memória ficou restrita aos homens, brancos e letrados que estavam reunidos na órbita do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1838. Sobre isso, ela afirma:

[...] em 1844, o IHGB atento à construção do imaginário nacional, lançou um concurso cujo tema era “como se deve escrever a História do Brasil”. Von Martins, um naturalista bávaro, foi premiado com um artigo que defendia que a história do Brasil deveria ser formulada a partir da condição de país tropical com população formada pelo contato entre o nativo, o europeu e o africano.

Essa primeira proposição de narrativa para a História brasileira baseada no contato de três raças – sendo que uma delas é considerada em ruínas, a outra, estava sendo escravizada e a terceira escreve a narrativa – inscreve um padrão axiológico de discurso nacional identitário que para existir, silencia. (2019, p.218)

A narrativa da autora Ana Maria Machado traz um olhar de alguém que não vive as questões étnico-raciais na pele, o local de onde ela escreve não a possibilita um aprofundamento nas temáticas étnico-raciais, nesse sentido ela acaba por exercer uma certa “etiqueta” de não problematizar essas questões. No Brasil, existe essa certa “etiqueta” envolvendo as relações de raça, que impede a discussão do racismo de uma forma mais profunda. Segundo Abdias Nascimento:

Esta etiqueta dita fortemente contra qualquer discussão, especialmente em forma contravertida, da situação racial, e assim ela efetivamente ajuda perpetuar o modelo de relações que tem existido desde os dias da escravidão. Tradicionalmente se espera que os negros sejam gratos aos brancos por generosidade lhes foram concedidas, e que continuem dependendo dos brancos que agem como patronos e benfeitores deles; também se espera que os negros continuem aceitando os brancos como porta-vozes oficiais da nação, explicando aos estrangeiros a natureza “única” das relações raciais brasileiras. A etiqueta decreta também que os sofismas oficiais usados para descrever a situação, enquanto a análise crítica e a discussão aberta deste delicado assunto são fortemente desencorajadas. (2020, p.53)

A compreensão da importância da literatura negro-brasileira na infância passa por uma construção histórica de lutas que emergem com os movimentos sociais negros, que possibilitou uma série de avanços, entre eles a lei 10.639 / 03, que prevê o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas. Essa legislação trouxe um re-olhar para as narrativas apresentadas nos espaços escolares. Logo, Nilma Lino Gomes (2021, p.28) define esse Movimento como sendo o movimento entendido como sujeito político produtor e produto de experiências sociais diversas que ressignificam a questão étnico racial em nossa história.

Há um projeto hegemônico que está colocado desde a fundação dessa nação. Os sujeitos privilegiados considerados os intelectuais como Von Martins, buscaram contar uma história sob o viés da Casa grande. No entanto, como afirma a autora Nilma Lino Gomes (2021, p.22), o Movimento Negro surge organicamente na década de 70 na tentativa de politizar a raça, desvelar a sua construção no contexto das relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros, sua história, cultura, práticas e

conhecimentos; retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia racial.

Para melhor entender por que é importante conhecer narrativas negro-brasileiras na infância e perceber como o cânone constrói suas narrativas que na maioria das vezes não problematizam as questões étnico-raciais e, portanto, não colaboram no processo de afirmação da identidade negra na infância, esse estudo divide-se em três subtemas: *Relações entre o cânone e a literatura negro-brasileira, Mito da democracia racial e miscigenação e a potência da literatura negro brasileira.*

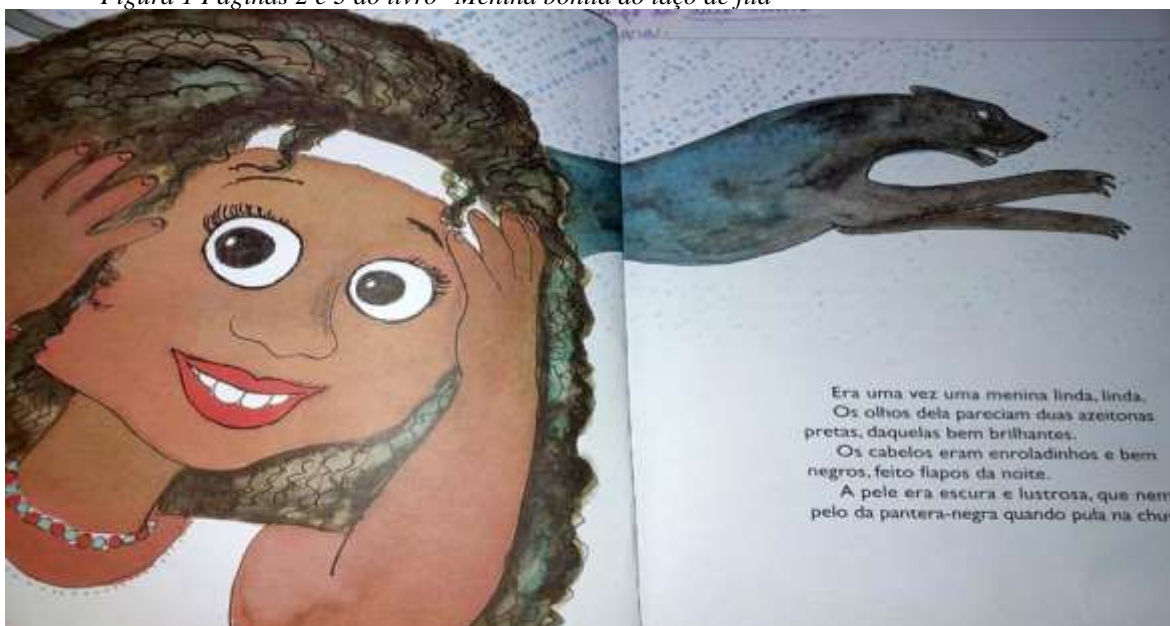
6.1 Relações entre o cânone e a literatura negro-brasileira em *Menina Bonita do Laço de Fita* de Ana Maria Machado e *O Black Power de Akin* de Kiusam de Oliveira.

Para iniciar a abordagem sobre as questões étnico-raciais em *Menina bonita do laço de fita* e o *Black Power de Akin*, é importante e necessário compreender como as relações étnico-raciais são estabelecidas no Brasil, na prática. Segundo Nilma Lino Gomes, na obra *O movimento negro educador*:

O Brasil construiu, historicamente, um tipo de racismo insidioso, ambíguo, que se afirma via sua própria negação e que está cristalizado na estrutura da sociedade. Sua característica principal é a aparente invisibilidade. Essa invisibilidade aparente é ainda mais ardilosa, pois se dá via mito da democracia racial, uma construção social produzida nas plagas brasileiras. Através da narrativa do mito, que é extremamente conservadora, a igualdade, pois ela se baseia no apagamento e na homogeneização das diferenças. (2021, p.51)

No livro de Ana Maria Machado, há uma descrição positiva da menina a partir da valorização da beleza negra. É notório que a narrativa valoriza e prioriza uma discussão que gira em torno de traços fenotípicos. Portanto, a questão racial em si é abordada de maneira superficial e romantizada, percebe-se que ela dá ênfase à beleza da menina no trecho:

Figura 1 Páginas 2 e 3 do livro "Menina bonita do laço de fita"



Fonte: *Menina Bonita do Laço de Fita*, 2020, Machado, p.2 e 3.

Era uma vez uma menina linda, linda
 Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas,
 Daquelas bem brilhantes.
 Os cabelos eram enroladinhos e bem negros,
 Feito fiapos da noite.
 A pele era escura e lustrosa, que nem pelo da pantera-negra quando pula na chuva.
 (2001, p.3)

Machado consegue romper com alguns estereótipos relacionados à questão fenotípica do negro construídos histórica e socialmente. Segundo o dicionário Aurélio, estereótipo vem a ser um padrão estabelecido pelo senso comum e baseado na ausência de conhecimento sobre o assunto em questão, já no Wikipédia, dicionário online, estereótipo é o conceito ou imagem preconcebida, padronizada e generalizada estabelecida pelo senso comum, sem conhecimento profundo, sobre algo ou alguém. É usado principalmente para definir e limitar pessoas quanto à aparência (cor da pele, tipo de vestimentas, uso de acessórios de origem etc.). Tem sua origem do grego *stereos* e *typos*, compondo “impressão sólida”.

Em contrapartida, ao mesmo tempo em que o coelho admira a menina quando ele pergunta qual é o “segredo” para ser tão pretinha e a menina não sabe responder, percebe-se que ela desconhece sua própria história, assim como diversos negros (MACHADO, 2020 p.8):

Figura 2 páginas 8 e 9 do livro "Menina bonita do laço de fita"



Fonte: *Menina Bonita do Laço de Fita*, Machado, 2020, p.8 e 9.

Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha?
 A menina não sabia, mas inventou:
 -- Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina. (MACHADO, 2020, p.8)

Esse trecho da narrativa nos leva a algumas reflexões. Uma diz respeito ao silêncio e outra ao desconhecimento. Segundo Nilma Lino Gomes (2012) em seu artigo “*Descolonizar os currículos: um desafio para as pesquisas*” (2012, p. 523), “O silêncio diz algo que se sabe, mas não se quer falar ou é impedido de falar.”

O primeiro fato aparece na indagação do coelho quando ele pergunta: “Qual o seu “segredo” para ser tão pretinha?” (MACHADO, 2020, p.8,10 e 12) A palavra “segredo” resgata algo que não se pode falar. O segundo fato ocorre quando a menina cria várias respostas sem uma explicação sólida, levando a concluir-se que a menina desconhece a sua história e a história de seu povo. Em relação ao primeiro fato, de acordo com Cuti, em seu livro *Literatura negro-brasileira*:

Impedir alguém de expressar-se pode ser um ato praticado de várias maneiras. Por todo o período da escravidão no Brasil e no mundo, a expressão do escravizado ficou tolhida. Aliás, calar o outro é uma das táticas para dominá-lo. A violência colonial serviu para impor limites a expressão dos escravizados. Esse silêncio impositivo atravessa o tempo e naturaliza-se. A feição do racismo à brasileira se pauta por silenciar os discriminados. (2010, p.58)

O segundo fato remete à frase repetida pelo narrador quando diz “A menina não sabia, mas inventou” (p.8, 10, 12). O “não saber” da menina mostra o apagamento histórico que ocorre até os dias de hoje. Segundo Fernanda Miranda, 2019, esse apagamento/silenciamento é epistêmico, histórico e concreto. Percebe-se nesse trecho que negros não conhecem e não se

apropriam de sua história, pois essa história foi e continua sendo silenciada, contada e escrita pelos cânones. Edmilson de Almeida Pereira afirma que foi sob as lentes do historicismo romântico (móvel de busca de identidades nacionais no ocidente) que vimos nascer as linhas aceitas, até aquele momento, como indicadoras da literatura nacional brasileira.

Pensando nessa questão sobre quais saberes são validados pelo cânone literário, Nilma Lino Gomes, em seu livro *O movimento negro educador*, discute sobre o conhecimento, regulação e o emancipação. afirma que:

a ciência moderna promovida a racionalizadora de primeira ordem da vida social assume o extraordinário privilégio epistemológico de ser a única forma de conhecimento válido. Ao reduzir as ricas tradições epistemológicas do primeiro período do Renascimento à ciência moderna, o Estado liberal oitocentista teve um importante papel e concedeu a si próprio um extraordinário privilégio político enquanto forma exclusiva de poder. (GOMES 2021, apud Santos 2002, p.239-241)

À medida que a menina inventa para o coelho uma série de situações que fogem do parâmetro real sobre a justificativa do porquê ela é preta, acredita-se que a narrativa possibilita a construção da ideia de que os negros não são “normais”, pois o padrão normal estabelecido é ser branco. A menina primeiro diz que caiu em uma lata de tinta, depois diz que tomou muito café e por fim que comeu muita jabuticaba. Essa cena da tinta pode favorecer a construção da ideia de que as pessoas nascem pretas porque estão sujas de tinta. O café também favorece os estereótipos, pois há falas de cunho racista que diz “não beba muito café para não ficar mais preto”. Essa linguagem fantasiosa criada pela autora expressa que essas justificativas da menina sobre sua origem não se aproximam da realidade, portanto favorece diversas interpretações que distanciam a imagem da menina negra da normalidade. Acredita-se que a relação da ideia fantasiosa com a questão real do conceito de construção da identidade étnico-racial parte do princípio de que há uma imagem padrão estabelecida (canônica) e o que foge desse padrão ocupa o lugar do “anormal”. Segundo Cuti:

No campo específico da literatura escrita (já que ela é um determinado tipo de discurso, tipificado principalmente pelos críticos e teóricos de várias épocas e lugares e, fundamentalmente, por escritores), e particularizando o Brasil, a matriz europeia é predominante. Nossa produção, nesse campo, nasceu, desenvolveu-se e continua seu curso tendo como paradigma a produção europeia. Dizer “branca” nesse caso é redundância. Imitar, citar, ler, comentar autores europeus sempre trouxe e traz aura de respeitabilidade para quem assim age para o trabalho que porventura desenvolver. Verniz ou conteúdo absorvido, o fato é que o chamado cânone literário predominante no Brasil é de estofo europeu. (2010, p.50)

O livro de Ana Maria Machado nega toda ideia de construção da relação que devemos ter com a ancestralidade quando silencia a história dos nossos ancestrais dando ênfase a uma linguagem da fantasia.

Refletir sobre esse contexto de silenciamento histórico é extremamente necessário. Pensar os desdobramentos que fizeram com que a literatura escrita favorecesse a valorização do padrão canônico literário é preciso. Segundo Edmilson de Almeida Pereira, 2021, esse apagamento impossibilitou a manutenção das milhares de línguas que chegaram ao Brasil através de cerca de quatro milhões de escravizados durante o período do tráfico negreiro. Ele chama esse apagamento linguístico de “repressão cultural”. Essas questões nos mobilizam a pensar a importância do resgate da literatura negro-brasileira já na infância escolar. Pois essa memória ancestral durante séculos foi apagada e impedida de se manter viva através da Literatura.

Abdias Nascimento, em seu livro *O genocídio do negro brasileiro* (2020), fala desse apagamento como sendo um genocídio que vai desde a morte de corpos até a morte do processo histórico vivido pelo negro, da cultura, de saberes, da língua e religião. Segundo o Dicionário Aurélio:

Genocídio é extermínio proposital que aniquila, mata uma comunidade, um grupo étnico ou religioso, uma cultura ou civilização. Massacre que atinge um grande número de pessoas, populações ou povos. Ação de aniquilar grupos humanos através da utilização de diferentes formas de extermínio: a pobreza ou a fome em certas regiões do mundo, o sequestro permanente de crianças e refugiados são exemplos de genocídio. (Dicionário, - [Dicio](#), [Dicionário Online de Português](#))

Através dessa definição do Dicionário Aurélio, é possível perceber que o autor está usando essa palavra no sentido mais amplo. Ele consegue evidenciar as péssimas condições de trabalho desumano a que os escravizados eram submetidos e que a Abolição ou a Lei Áurea não passou de um assassinato em massa. Segundo ele,

Depois de sete anos de trabalho, o velho, o doente, o aleijado e o mutilado – aqueles que sobreviveram aos horrores da escravidão e não podiam continuar mantendo satisfatória capacidade produtiva – eram atirados à rua, à própria sorte, qual lixo humano indesejável; estes eram chamados de “africanos livres”. Não passava, a liberdade sob tais condições, de pura e simples forma de legalizado assassinio coletivo. (NASCIMENTO, 2020, p.79)

Abdias Nascimento traz em seu livro uma discussão importante que nos ajuda a compreender como essa narrativa de Ana Maria Machado se insere nesse contexto que suaviza, romantiza as questões étnico-raciais e fortalece o Mito da Democracia racial. O autor

coloca que nossa história nos foi contada e construída através de diversas estratégias de apagamento: o mito da democracia racial, o mito do senhor benevolente, a exploração da mulher negra que resultou na miscigenação e favoreceu a ideia do embranquecimento, a discussão proibida sobre raça, o embranquecimento cultural e o sincretismo e a folclorização da tradição africana.

A criança precisa construir uma consciência ancestral a partir das subjetividades que se cruzam com as suas. Gomes, afirma que:

Tomada de consciência de uma comunidade de condição histórica de todos aqueles que foram vítimas da inferiorização e negação da humanidade pelo mundo ocidental, a *negritude* deve ser vista também como afirmação e construção de uma solidariedade entre as vítimas. Consequentemente, tal afirmação não pode permanecer na condição de objeto e de aceitação passiva. Pelo contrário, deixou de ser presa do ressentimento e desembocou em revolta, transformando a solidariedade e a fraternidade em armas de combate. A *negritude* torna-se uma convocação permanente de todos os herdeiros dessa condição para que engajem no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas de culturas negadas. Vista desse ângulo, para as mulheres e homens descendentes de africanos no Brasil e em outros países do mundo cujas plenas revalorização e aceitação da sua herança africana fazem parte do processo de resgate de sua identidade coletiva, a *negritude* faz parte da sua luta para reconstruir positivamente sua identidade e, por isso, um tema ainda em atualidade. Tomando a forma de irmanação entre mulheres e homens que dela reclamam para fazer desaparecer todos os males que atingem a dignidade humana, a *negritude* se torna uma espécie de fardo do homem e da mulher negros. (2021, p. 81 apud MUNANGA, 2009, p.20)¹.

Esse apagamento e silenciamento através da romantização da trajetória do negro no Brasil existe até os dias de hoje na Literatura. Um grande exemplo foi um fato que ocorreu em setembro de 2021 com o livro de literatura infanto-juvenil *O ABC da Liberdade*, do autor José Roberto Torero. Um livro que a princípio tinha a intenção de mostrar a vida e a importância de Luiz Gama na luta do povo negro para as crianças romantizou o processo escravizatório, mostrando crianças escravizadas brincando alegres dentro de um navio negreiro numa viagem rumo à escravidão. A cena retratou o processo doloroso da escravidão no Brasil como sendo algo bom e positivo. A Companhia de Letras foi questionada pela opinião pública, mandou recolher os exemplares e assumiu o erro em não revisar o conteúdo do livro infantil.

6.2 Mito da Democracia racial e miscigenação em *Menina bonita do laço de fita* de Ana Maria Machado.

A narrativa de Ana Maria Machado traz à tona a questão da “democracia racial” à medida que reduz a questão racial a mera reprodução de interação harmoniosa entre pretos e

¹ Grifos do autor.

brancos. É uma narrativa canônica que não discute as questões étnico-raciais na sua essência. É uma obra que apenas tem uma personagem negra, a personagem não conhece suas origens, a história de seu povo e a influência dos seus ancestrais na construção da nação e da cultura brasileira. Além de não problematizar a questão do racismo estrutural, as questões históricas e sociais da trajetória do negro no Brasil, ela sugere que essas relações são harmoniosas, igualitárias e humanas. Segundo Abdias Nascimento:

Com o apoio das chamadas ciências históricas, erigiu-se no Brasil o conceito da *democracia racial*; segundo esta, tal expressão supostamente refletiria determinada relação concreta na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas. (2020, p.48)

Esse discurso ideológico contido na narrativa também reflete o lugar de onde a autora escreve. Suas experiências de uma mulher branca, classe social privilegiada dificultaram uma escrita ligada à realidade e às experiências relacionadas ao racismo. Nilma Lino Gomes discute e problematiza isso quando diz que o conhecimento hegemônico concebido pela ciência moderna, passou a ser vinculado às práticas de experimentação, teorização, sistematização de informações, tecnologia, ou seja, tendo o cientista como aquele que se afasta do mundo para escrever sobre ele. Essa perspectiva não dá espaço para outras formas de conhecer, ser e estar no mundo que não sejam as que se encaixem nesse modelo de pesquisa, que pertence ao cânone. Dentro desse contexto de análise, Ana Maria Machado, por não ser uma mulher negra, por não ter filhos negros e por não ser atravessada pelo racismo, desenvolve em sua narrativa essa forma hegemônica de escrita que muito mais teoriza e sistematiza ideologicamente um discurso que favorece o *mito da democracia racial*.

A ciência moderna abre caminhos para autores canônicos produzirem uma escrita que terceiriza o olhar sobre a questão étnico-racial e invisibiliza as produções que partem da vivência do autor. Esse tipo de escrita trata o negro com uma visão distanciada. Segundo Domício Proença (2004) essa visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro., reconhecido como tal, é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil, torna-se assunto ou tema.

A relação estabelecida na escrita canônica com o negro é uma relação que coloca o negro como objeto e não como um sujeito ativo, protagonista, que tem vez e voz. A narrativa de Ana Maria Machado inicia-se com a conhecida frase “Era uma vez”. Essa linguagem usada pela autora sugere uma escrita que resgata a imaginação e apresenta a narrativa como sendo

algo longe da realidade do negro brasileiro, e que inclusive representa algo de um mundo que não pertence a negritude brasileira. Esse termo muito usado nos contos de fadas se remete a uma “fantasia” que está distante da “realidade, da vivência”, dessa forma é como se essa menina bonita do laço de fita de fato não existisse. Ao passo que a escrita negro brasileira preserva um legado ancestral que retrata que somos e estamos aqui porque nossos antepassados estiveram antes e resistiram as atrocidades cometidas ao povo negro.

Partindo do princípio de que o racismo é real, a Menina bonita do laço de fita seria uma fantasia de algo que é real, vivo e existe até os dias de hoje. Essa relação se apresenta de forma um pouco contraditória, pois a construção dessa personagem não tem relação com as vivências de quem sente na pele o racismo e toda a desigualdade que está imposta à população negra no Brasil. Tanto que a inspiração para a criação da personagem da menina não é uma menina negra e sim a filha da autora que é uma menina branca, descendente de italianos.

Essa construção hegemônica das relações étnico-raciais no Brasil como sendo uma relação igualitária e harmoniosa, segundo Abdias Nascimento, também se deve a alguns “cientistas” ajudarem a construir eufemismos para a negritude. Esses corroboram com a distinção do que a sociedade compreende sem dificuldades de reconhecer como sendo um *homem de cor*. Portanto, o autor afirma que se trata de um negro, não importa a gradação da sua pele. Esses eufemismos colaboram com a construção de uma identidade que máscara e silencia a constituição do negro brasileiro.

Acredita-se que esses eufemismos, reforçados por diversos escritores, geram também uma hierarquização de raças e/ou etnias a partir da ideia de superioridade e inferioridade. Essa prática favorece a produção de uma escrita estereotipada, que hierarquiza a negritude, suas produções e tudo que se relaciona ao universo negro. E a sociedade brasileira vai se construindo nesses moldes, que classifica quem é aceito hegemonicamente como superior e quem é estereotipado, marginalizado e silenciado como inferior.

Um dos cientistas que Nascimento cita é um famoso historiador internacionalmente conhecido, Gilberto Freyre. Acredita-se que sua escrita também surge de um olhar privilegiado, de quem estava do outro lado da história, tinha posses e suas análises surgem a partir de onde ele estava. Ele escreveu sob a perspectiva da Sociologia da Casa Grande, que é o próprio cânone. Assim como Freyre, muitos escritores que o sucederam tiveram o sociólogo como uma referência. Essa referência colabora com a narrativa dessa ideia de que no Brasil há

uma igualdade de condições para todos, de que existe democracia racial no país e contribui com o apagamento da questão histórica contada a partir de outro viés, da vivência e experiência dos negros no Brasil.

Na narrativa de Ana Maria Machado (2020, p. 15), a mãe da Menina Bonita do Laço de Fita recebe um desses “*eufemismos*” citados por Abdias Nascimento. Ela é chamada de “*mulata*”. O autor explica melhor essa prática de Freyre

Freyre cunha eufemismos raciais tendo em vista racionalizar as relações de raça no país, como exemplifica sua ênfase e insistência no termo *morenidade*; não se trata de ingênuo jogo de palavras, mas sim de proposta vazando uma extremamente perigosa mística racista, cujo objetivo é o desaparecimento inapelável do descendente africano, tanto fisicamente, quanto espiritualmente, através do malicioso processo de embranquecer a pele negra e a cultura do negro. (2020, p.49)

Figura 3- Páginas 14 e 15 do livro "Menina bonita do laço de fita"



Fonte: Menina Bonita do Laço de Fita, Machado, 2020, p. 14 e 15.

O termo utilizado por Ana Maria Machado, “mulata”, em sua narrativa se deve ao grau elevado de miscigenação na formação histórica do país. O mulato no Brasil passou a ter um tratamento diferenciado, tendo maiores chances de ascensão social e aceitação. De acordo com Abdias Nascimento, p.75, o “mito da democracia racial” enfatiza a popularidade da mulata como “prova” de abertura e saúde das relações raciais no Brasil.

Figura 4- Páginas 20 e 21 do livro "Menina bonita do laço de fita"



Fonte: *Menina Bonita do Laço de Fita*, Machado, 2020, p.20 e 21.

Foi construída durante séculos a ideia de um Brasil miscigenado, um país de mistura de raças, que possui um povo feliz, diverso, que vive as mesmas condições de igualdade. O discurso desse senso comum é pautado pela ideologia que resgata a perspectiva de que somos todos iguais enquanto raça humana. Que não seria a cor de pele que determinaria as diferenças, e que, portanto, não há necessidade de reparação histórica social. Nesse contexto, a hegemonia branca construiu a ideia de que não há necessidade de existir o dia da Consciência Negra, mas sim da “consciência humana.”

Esse discurso da “consciência humana” é o discurso usado pela classe dominante para transferir aos negros a culpa de todas as mazelas que o afetam. Acreditamos que a intenção é individualizar a responsabilidade que deve ser coletiva de reparação histórica com a população negra. Essa responsabilidade é do sistema que não amparou o povo negro no pós-abolição e continua até os dias de hoje se negando a atender as demandas desse grupo na promoção de políticas públicas específicas para essa população. Nesse sentido Nilma Lino Gomes aponta a importância do Movimento Negro na construção dessas pautas. Em seu livro *O Movimento Negro Educador*, a autora faz um resgate de uma série de ações coletivas que foram decisivas para avanços no Brasil.

Segundo Nascimento (2020) o projeto de embranquecer a pele negra no Brasil é evidente até os dias de hoje, ele afirma que com o crescimento da população mulata, a raça negra iria desaparecendo, pois essa mistura não aconteceu de uma forma respeitosa e através da vontade dos negros e brancos intercasarem, mas sim de forma violenta. Esse genocídio aconteceu e acontece até os dias de hoje. Trabalhadores negros são as maiores vítimas de

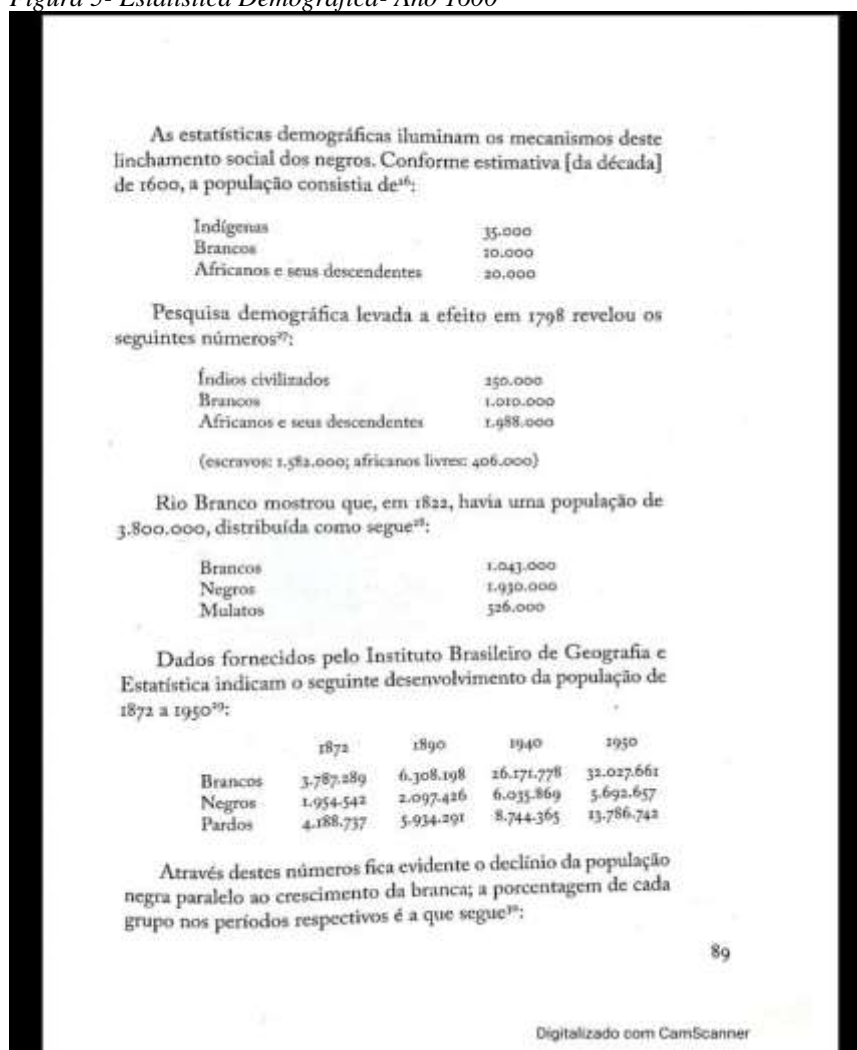
homicídios no Brasil, pois a cada 23 minutos morre um jovem negro. O projeto de extermínio da população negra nunca teve fim.

Esse genocídio aconteceu e acontece até os dias de hoje. Trabalhadores negros são as maiores vítimas de homicídios no Brasil. Dos jovens, a cada 23 minutos morre um jovem negro. O projeto de extermínio da população negra nunca teve fim.

Como se pode observar nos dados abaixo, retirados do livro O Genocídio do Negro Brasileiro, 2020, p. 89 esse genocídio se deu e continua se configurando de várias formas. Uma delas é através dessa tentativa de branqueamento.

Conforme estimativa, no ano de 1600, a população consistia em:

Figura 5- Estatística Demográfica- Ano 1600²



Fonte: NASCIMENTO, 2020, P.89

É possível observar pelas estatísticas que com o tempo a população parda cresceu. Na narrativa é possível notar que o próprio coelho (branco) procura uma coelha preta para se casar, e essa mistura resulta no nascimento de coelhinhos de diversas cores. A autora Ana Maria Machado tenta mascarar a questão racial de forma que pareça uma miscigenação, no

² Sobre o termo índios civilizados: Desde a primeira invasão de Cristóvão Colombo ao continente americano, há mais de 508 anos, a denominação de índios dada aos habitantes nativos dessas terras continua até os dias de hoje. Para muitos brasileiros brancos, a denominação tem um sentido pejorativo, resultado de todo o processo histórico de discriminação e preconceito contra os povos nativos da região. Para eles, o índio representa um ser sem civilização, sem cultura, incapaz, selvagem, preguiçoso, traiçoeiro etc. Para outros ainda, o índio é um ser romântico, protetor das florestas, símbolo da pureza, quase um ser como o das lendas e dos romances. (O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje, Coleção Educação para todos, Brasília, MEC/UNESCO, 2006).

De acordo com a nota de explicação acima retirada da Coleção Educação para todos do MEC é possível evidenciar que o termo “índios civilizados” vem a ser uma forma pejorativa de se referir ao indígena, visto que o europeu via o mesmo como um ser sem cultura e selvagem, ser civilizado significa o inverso na visão do colonizador. Significa desconsiderar toda a história e a memória dos povos originários, além de ser um grande desrespeito que chega a ser uma forma de violência contra a população indígena.

amor e na criação de uma sociedade mestiça. Essa postura de mascaramento se torna violenta ao tentar apagar a violência colonial. Esse projeto hegemônico é presente até os dias de hoje no Brasil, o inter-casamento acontece em muitas famílias com o intuito popular de “limpar a família”.

Esse casamento inter-racial proposital ainda acontece porque foi construído um imaginário de que branco é um ser humano de referência. Essa concepção negativa da negritude também estava fortemente presente na Igreja Católica que considerava que o negro tinha um “sangue infectado”. Logo, essa população considerada o “problema” foi a mesma que construiu todas as riquezas desse país. De acordo com o autor Abdias Nascimento (2020) o papel do negro escravo foi decisivo para o começo da história econômica de um país fundado, como era o caso do Brasil, sob o signo do parasitismo imperialista. Sem o escravo, a estrutura econômica do país jamais teria existido. Por isso a necessidade de se pensar uma literatura que rompa com os estereótipos da negritude e mostre de fato a potência de um povo forte e inteligente que construiu todas as riquezas do Brasil.

De acordo com as ideias apresentadas, é possível constatar que a obra *Menina bonita do laço de fita*, é uma narrativa canônica que foi pensada e construída tendo como base o mito da democracia racial. Essa falsa democracia racial que existe no Brasil alimenta o racismo e nutre outras coisas, entre elas está a miscigenação e a mestiçagem. Através da mitificação foi construído na população brasileira que existe harmonia entre as raças e que, portanto, não existe racismo no Brasil. Esse discurso romântico criado pelas elites cria uma certa “etiqueta” para falar das questões étnico-raciais, silencia e apaga a discussão sob o viés de quem vive e viveu séculos de escravidão e opressão no Brasil. E a escrita canônica caminha nessa perspectiva à medida que é pautada e influenciada pela ciência moderna e pelo eurocentrismo, marginalizando a cultura e as produções afro-brasileiras. Esse projeto de poder é perigoso, pois dificulta a tomada de consciência acerca da identidade afro-brasileira. Abdias, em relação a essa questão, cita Nelson Rodrigues:

Não caçamos pretos, no meio da rua, a pauladas, como nos Estados Unidos. Mas fazemos o que talvez seja pior. Nós o tratamos como uma cordialidade que é o disfarce pusilânime de um desprezo que fermenta em nós, dia e noite.
(apud NASCIMENTO, 2020, p. 92)

Essa fala de Nelson Rodrigues expressa claramente como se dão as relações étnico-raciais no Brasil, de uma forma insidiosa e silenciosa. E é esse tipo de racismo que criou e fortalece a cada dia o mito da democracia racial.

6.3 A potência da literatura negro-brasileira em *O Black Power de Akin*.

Kiusam de Oliveira, uma mulher negra, professora, Mestre em Psicologia e Doutora em Educação, atua há 25 anos, com experiência desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, escritora e contadora de histórias, em seu livro *O Black Power de Akin* consegue romper com essa lógica que estigmatiza o negro, romantiza e silencia seu processo histórico. Sua escrita vem de um lugar de quem viveu na infância, continua vivendo e sentindo na pele, o racismo.

A autora resgata a ancestralidade, os saberes emancipatórios, os elementos da tradição africana, a oralidade, a coletividade e suas memórias de infância. Em seu texto *Literatura negro-brasileira do encantamento e as infâncias: reencantando corpos negros*, a autora fala da importância da Literatura na infância.

Pensar a literatura foi a minha proposta nesse texto, mas antes disso, será preciso que profissionais da educação reflitam a importância de educar para a diversidade, partindo de visões outras que as consideradas oficiais no país. Nesse sentido, será preciso um pouco mais de ousadia: pensar a infância, sem deixar de incluir as reflexões, a infância negra, pois só assim conseguiremos avançar no campo da educação. Lembrem-se que estamos falando de negros enquanto maioria nesse país, portanto, dar lugar a essa maioria no território chamado currículo deveria ser mais que natural. (Feira Literária Brasil – África. Universidade Federal do Espírito Santo: Vitória - ES, v. 1 n. 3, 2020).

A necessidade de um novo olhar para as narrativas apresentadas às crianças na infância nos faz pensar que atravessamos séculos e quase não tínhamos representações de personagens negros protagonistas nas produções artísticas e principalmente na Literatura. Se pensarmos dos anos 80 e 90 até os dias de hoje, podemos contar no dedo quais eram as referências que as crianças e adolescentes que viveram nesse período. A Xuxa e os Trapalhões foram referência para muitas crianças que viveram essa época. Só havia paquitas brancas e loiras, os Trapalhões era composto por um único personagem negro que era o bebum e o mais sofria ofensas de todos do grupo. A Turma da Mônica também foi e continua sendo os gibis de referência para crianças, adolescentes e até adultos durante um bom tempo. É importante observar que só há um personagem negro mais antigo criado por Maurício de Souza que é o Jeremias. Um personagem coadjuvante, que não tem uma personalidade bem definida. Só esteve em duas histórias com protagonismo, enquanto os outros personagens sempre aparecem. Acredita-se que o Cascão também é um personagem que carrega uma certa

“mestiçagem”, pode ser lido negro, tem o cabelo crespo e traços negróides. Ele carrega o estereótipo de sujo. Maurício de Souza, quando questionado, alegou que não construiu o Cascão negro e mostrou um menino branco como inspiração para a criação do personagem.

Assim como nos Trapalhões, o personagem Mussum sofre o racismo recreativo, como diz Moreira (2019, p. 107). Kiusam, em sua narrativa, problematiza cenas vividas pelo personagem Akin na história. Na escola, o menino sofria diversos assédios, chacotas e humilhações por conta da cor de sua pele e de seu cabelo. Era chamado de “Pelé”, de “Buiú”, de “ladrão”, entre outros estigmas que tinham por finalidade inferiorizar o menino:

Akin bora brincar!? Nós não vamos mais zoar com você. Vamos? – convida Paulo.
 –Brincar de quê? – pergunta Akin, desconfiado.
 - De polícia e ladrão de galinhas – responde Marcos.
 Akin, que por um instante se esqueceu da mágoa que sentia, pulou e disse:
 - Eu quero ser a polícia!
 Marcos comentou:
 - Polícia? Onde já se viu alguém de sua cor brincar de ser polícia?
 Não! Nós vamos ser a polícia e você será o ladrão, que vai roubar as galinhas do Seu Dito Pereira.
 Os amigos gargalharam e se jogaram no chão.
 Foi o mar que se viu nos olhos de Akin. O mar. Seu corpinho franzino se imobilizou e o ar parou. Ele descobriu todo o preconceito que expressavam os seus colegas de classe. (OLIVEIRA, 2020, p.18)

Edimilson de Almeida Pereira (2021) vai discutir algo de extrema relevância, quando coloca em seu texto, *Territórios cruzados: relações entre cânone literário e literatura negra e /ou afro-brasileira*, que autores e autoras enfrentam diversos desafios e dilemas, e ressalta que:

Em termos gerais, os autores e autoras que se articulam em torno da Literatura Negra e/ou Afro-brasileira, além de enfrentarem os desafios próprios do fazer literário, se dão conta de que sua atividade se estende para o território da vida real. Ou seja, ao participarem de simpósios, oficinas, debates e outros eventos, colocam em cena suas visões sobre a realidade brasileira e, mais especificamente, sobre as relações dessa sociedade com os indivíduos afrodescendentes. Não por acaso, na crítica ao modelo literário hegemônico e ao sistema editorial, esses autores e autoras ressaltam o desinteresse de tais setores por uma vertente literária que punge as feridas sociais do país. (PEREIRA, 2021, p. 1)

Em alguns relatos de Kiusam, a autora conta que existe uma cena trágica que marcou sua vida. Quando era criança, em um Colégio de Freiras, deram um banho nela na frente de todos seus colegas de classe e uma das freiras disse para todas as crianças que assistiam: é assim que um preto deve ser tratado. A partir dali ela, mesmo criança, já tinha percebido e sentido na pele o racismo estrutural que a atravessava. Sua escrita nasce de um lugar de quem vivencia essa experiência racial e histórico-social Almeida (2021, p.1) dialoga com essa perspectiva da produção literária negro-brasileira, apontando duas vertentes importantes: a

primeira diz respeito à experiência histórica e social do autor e a segunda à escrita como sendo o lugar de reflexão acerca das experiências vividas.

Quando o autor que se exprime é um sujeito negro, o texto se desdobra a partir daquilo que se vivencia como um sujeito negro na história, destacando-se aí a necessidade de atualizar uma gama de discursos que a diáspora, a escravidão e a violência impediram de germinar.

O Black Power de Akin é uma grande potência da literatura negro-brasileira para crianças. Traz à tona a questão real do racismo estrutural vivido pelo personagem Akin na escola e, ao mesmo tempo, resgata valores civilizatórios afro-brasileiros que fortalecem o menino e o fazem perceber o quanto ele é potente, inteligente, bonito e importante. Seu avô, Seu Dito Pereira, é um homem forte e virtuoso. Ele consegue através da ancestralidade resgatar objetos valiosos da história de sua família e do povo preto.

Segundo Trindade (2005), os valores civilizatórios afro-brasileiros carregam e resgatam a África e a sua diversidade. Nesse sentido, têm a intenção de possibilitar o conhecimento das marcas deixadas pelos africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e que nessa trajetória inscreveram.

valores na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa música, em nossa pele e no nosso coração.

Somos o segundo país do mundo em população negra, portanto o resgate desses valores é fundamental. Conhecê-los é uma forma de manter viva essa memória que nos foi negada e continua sendo silenciada. A literatura negro-brasileira é uma literatura de resgate desses valores, trazer essas narrativas na infância possibilita atuar na construção da própria cidadania e identidade da criança, facilitando o diálogo através da oralidade e a formação de uma consciência crítica e antirracista no leitor mirim.

É possível observar nas narrativas analisadas que o corpo negro aparece como temática importante a ser discutido com as crianças e o público infanto-juvenil nesse contexto das relações étnico-raciais. As duas obras em si, tanto *Menina Bonita do Laço de Fita* quanto *O Black Power de Akin* trazem o corpo negro como protagonista, que de certo modo para a criança negra pode contribuir para a construção de sua autoestima, autoaceitação e empoderamento. E para a criança branca, pode ser importante para que ela reconheça a diversidade étnica presente no Brasil e aprenda a respeitar e valorizar essa diferença.

Essas narrativas negro-brasileiras possibilitam que a criança aprenda a lidar com a discriminação. Pois, uma pessoa adulta quando sofre algum tipo de preconceito fica triste,

deprimida, sofre e se revolta. Nesse contexto, uma criança negra de 0 a 11 anos de idade, que vive numa sociedade racista e é discriminada 24 horas por dia sofre muito mais e muitas vezes se depara com o silêncio omissivo dos adultos e da professora na escola. A criança pode não saber se expressar oralmente sobre a questão, mas ela sofre, sente, seu corpo fica marcado, com a omissão, com o silêncio conivente, com a falta de acolhimento daqueles a qual ela tem como referência. Esse silêncio e essa invisibilidade estão marcados em nossa memória coletiva de brasileiros e brasileiras que abusavam, vendiam, matavam e impediam que crianças negras fossem amamentadas. A literatura negro-brasileira tem o papel fundamental de desconstruir esse cenário negativo a qual a população negra foi marcada e construída pela elite branca que sempre dominou esse país.

Oliveira (2020), em *O Black Power de Akin*, resgata alguns valores em sua narrativa. Valores esses que carregam ancestralidade e axé (energia vital). Segundo Azoilda Loretto da Trindade (2020), axé significa energia vital, tudo que é vivo e existe tem axé, tem energia. Essa energia está presente nessa narrativa através de valores que potencializam a população negra.

A musicalidade encontra-se presente na narrativa quando o avô Seu Dito Pereira toca o berimbau para seus netos, acredita-se que é uma forma que esse avô encontrou de preservar aspectos musicais, rítmicos e ensinar seus netos a conhecer e valorizar essa tradição que é ancestral. Essa musicalidade preserva a marca de um povo que não vive sem dançar, sem cantar, sem sorrir e se alegrar. Mesmo com todo sofrimento que viveu e ainda vive até os dias de hoje não deixa de produzir arte e expressar seus sentimentos. No caso da narrativa o avô de Akin faz isso através da ladainha que é uma história cantada muito usada até os dias de hoje nas rodas de capoeira. Isso está em um trecho nas páginas: 11 e da 22 da obra de Kiusam:

Figura 6- Páginas 10 e 11 do livro " O Black Power de Akin "



Fonte: O Black Power de Akin, Oliveira, 2020, p. 10 e 11.

Seus netos esperavam o dia todo por esse momento de intimidade, em que o avô toca exclusivamente para eles, sob as luzes da lua e das estrelas, ao som dos sapos coaxando, dos grilos cricrilando, do peru grugrulejando e até mesmo da cobra sibilando, bichos típicos de Noar.

Sentado no chão admirando o avô, está Akin, o neto mais velho, que pensa saber tocar berimbau como Seu Dito.

O avô pega o berimbau, que está ao lado dele, e canta uma ladainha, mostrando o quanto o negro é sofrido e desvalorizado na sociedade e alertando o neto sobre quanta luta é luta necessária ainda para que alcance a valorização e o respeito. (OLIVEIRA, 2020, p.11)

A música é uma das marcas da população preta. É uma forte representação de um povo que não vive sem dançar, sem cantar, sem sorrir e constitui a brasilidade. E mesmo com toda dor e sofrimento é um povo que se ergueu e continua se erguendo, percebe-se isso na letra da música *Milagres do povo* de Caetano Veloso:

[...]E o povo negro entendeu que o grande vencedor se ergue além da dor
Tudo chegou sobrevivente num navio
Quem descobriu o Brasil?
Foi o negro que viu a crueldade bem de frente.
E ainda produziu milagres de fé no extremo Ocidente.
(VELOSO,1985, *Milagres do povo*)

É interessante perceber que não existe um traço linear para esses valores, eles vão se apresentando juntos e cada um tem sua importância.

O resgate do berimbau traz outros valores civilizatórios à tona, a *circularidade* e a *corporeidade*. A roda de capoeira tem um significado muito grande. Aponta para o movimento, a circularidade, a renovação, o processo, a coletividade: roda de capoeira, roda de samba, roda de jongo, roda no terreiro, roda de conversa. A humanidade inteira permanece unida por este sentimento circular.

A *corporeidade* é um valor que nos ensina a respeitar cada milímetro do corpo humano. Com o corpo vivemos, existimos e somos no mundo. O povo africano foi arrancado de sua terra e trazido para o Brasil apenas com seu corpo, portanto é preciso aprender a valorizar o corpo negro com patrimônio histórico e cultural. E essa vivência corpórea possibilita a construção de uma identidade coletiva de sujeitos históricos que buscam a emancipação de suas trajetórias. Durante séculos o corpo negro foi visto e representado como anormal, indisciplinado, feio e fora do padrão hegemônico. Isso refletiu e reflete-se até os dias de hoje no cotidiano da negritude. A narrativa coloca essa questão da não aceitação do corpo negro:

Akin abre os olhos e se espreguiça bocejando. Com preguiça, se levanta, olha para o lado e vê seus irmãos já acordados, um olhando para o outro, brincando e caindo na gargalhada, um admirando os crespos do outro. Akin segue se arrastando de sono para o banheiro, escova os dentes. Ajeita o cabelo todo chocho, faz cara de quem não gostou e, molhando as mãos, aperta, esfrega e puxa os fios para trás. Quer o cabelo assentado, grudado na cabeça. Então, sai do banheiro correndo, pega sua mala, uma manga e vai. Passa pela porta e volta para pegar um boné, pendurado no canto da sala. (OLIVEIRA, 2020, p 12)

Nilma Lino Gomes vai dizer que a corporeidade negra vive um intenso processo de tensão regulação-emancipação. Isso quer dizer que um corpo que veio para ser escravizado, torturado e oprimido desenvolveu e continua desenvolvendo resistência e ressignificando sua existência. Um corpo que foi durante séculos regulado pelo racismo e permanece sendo regulado pelo mito da democracia racial desenvolveu formas de (re) existência. Gomes (2021) afirma que a reação e a resistência do corpo negro no contexto do racismo produzem saberes. Estes são, de alguma maneira, sistematizados, organizados e socializados pelo Movimento Negro nas suas mais diversas formas de organização política. Pereira, afirma que:

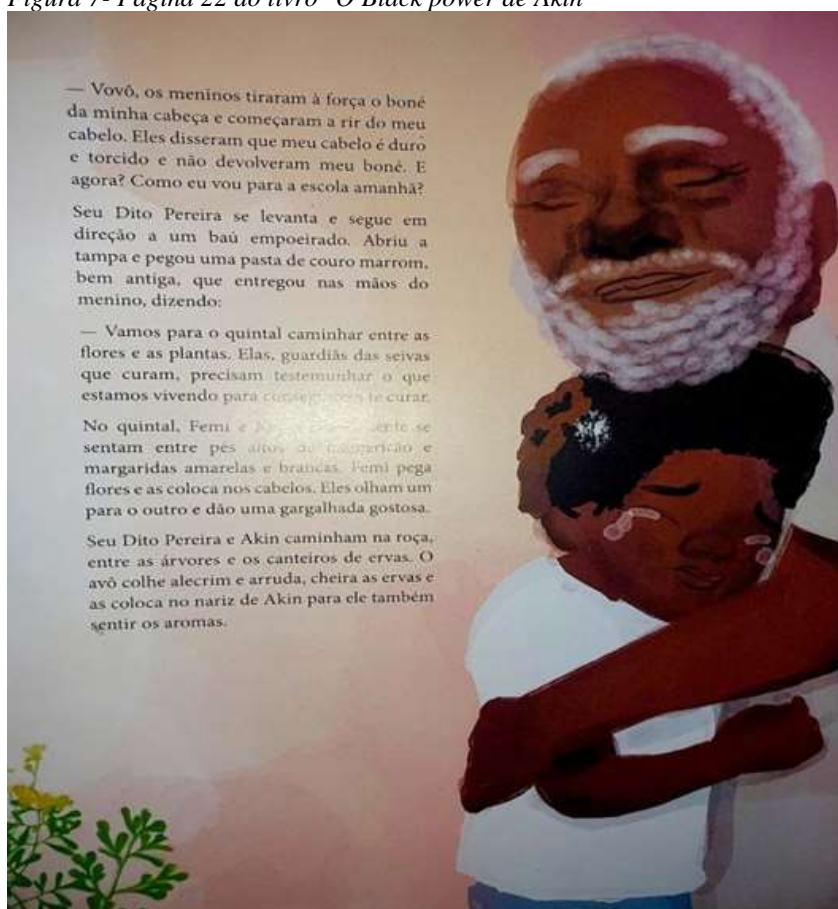
Uma vez exposta a gramática da violência, o corpo negro restaurado pela literatura Negra e/ou Afro-brasileira se exprime como fonte para os discursos de resistência. Sob esse ponto de vista, os corpos de homens e mulheres são transfigurados em geradores de linguagem, que revelam a humanidade de quem havia sido reduzido a condição de objeto. (PEREIRA, 2021, p.8)

Os saberes aos quais GOMES se refere estão interligados, porém cada saber tem sua especificidade. São eles: os estéticos-corpóreos que se referem a corporeidade negra que é também um valor civilizatório afro-brasileiro, os saberes políticos que dizem respeito às estruturas que levam a formulação das políticas públicas específicas para a população negra e os saberes identitários que através do Movimento negro traz o debate da identidade negra a ser tematizado de um outro lugar, do lugar de quem vivencia o racismo.

Durante a narrativa, o personagem principal, o menino negro Akin sofre o racismo na escola. Seus amigos nas brincadeiras o apelidam de Pelé, Buiú etc. Nas brincadeiras de polícia e ladrão sempre determinam o lugar que Akin deve ocupar o do ladrão. Encarnam no cabelo do menino, dizendo que é “duro e torcido”. Akin sofre com isso, se imagina e começa a ter o desejo de ser branco. Vai até o avô e diz:

- Ô meu avô... eu só queria ser diferente do que sou; queria ser branco! Eu olho a televisão, olho as revistas e não vejo ninguém parecido com a gente, vô, com a nossa cor, com o nosso cabelo. Ninguém me acha bonito. (OLIVEIRA, 2020 p. 22):

Figura 7- Página 22 do livro "O Black power de Akin"



Fonte: *O Black Power de Akin*, OLIVEIRA, 2020, p.22

Esse comportamento do menino Akin, Neusa Santos Souza explica em seu livro *Tornar-se negro*, (1990, p.3) A violência racista do branco exerce-se, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este, através da internalização compulsória e brutal de um Ideal de Ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo.

Durante muito tempo, não houve a preocupação em colocar no acervo de brinquedos bonecas e bonecos negros, livros infantis com imagens e personagens negros em posição de destaque. Portanto, historicamente foi construído essa imagem do negro como invisível, inferior e subalterno. As crianças não nascem racistas, mas elas são ensinadas a serem. São ensinadas todos os dias por uma sociedade que tem um racismo estrutural que domina um povo e os ensina a não se amarem, a se entenderem como fora do padrão estabelecido, serem vistos como anormais, menos inteligentes, mais feios e menos potentes. Essas crianças ligam a TV e quase não se identificam, elas olham a notícia no jornal e veem seus descendentes sendo presos, pegos pela polícia e sendo mortos. Quando ela vai ao médico ela quase não vê

um médico negro, ela olha para a rua e vê o gari varrendo a rua e na maioria das vezes ele é negro. Essa estrutura social que está colocada vai fazendo com que ela não se veja nos espaços de poder.

Ainda há uma outra questão que está entrelaçada nesse contexto. Acredita-se que o fato de muitas crianças não enxergarem e sentirem o racismo, se deve ao fato de não saírem do lugar que vivem não as permite perceber que ele existe. Na periferia, a negritude predomina, portanto ela não se sente tão diferente do outro. No entanto, a própria negritude por desconhecer sua própria história tende a discursar que o racismo não existe, pois se nega enquanto um sujeito negro. Logo, o não se reconhecer negro e se apropriar da cultura do colonizador é uma forma de se enquadrar e se parecer com o poder hegemônico. Nesse sentido, reconhecer-se negro seria uma construção social inferiorizada e deteriorada.

Nessa perspectiva, é importante salientar que dentro dos espaços escolares há grupos que acreditam que debates como o da questão racial, discriminação e racismo estrutural não são temas para serem trabalhados na infância. Já existem outros grupos que acreditam que por mais que a criança não tenha nascido racista ela é ensinada a ser e, portanto, reproduz o racismo estrutural. Daí a importância de trazer esses temas para a discussão desde a infância. Kiusam de Oliveira é precursora em assumir essa perspectiva que propõe a discussão da temática já na infância através de suas obras inseridas no espaço escolar.

Oliveira (2020, p.9), nos convida a pensar uma infância em que as crianças são partes fundamentais de um todo bem maior que elas, já preestabelecido ancestralmente e devem ser colocadas a participar de diversas experiências que possibilitem o desenvolvimento de suas potências, como: protagonizar, opinar, escolher, se afetar, enfrentar problemas, cantar, dançar e explorar seu processo criativo.

A autora propõe uma Literatura negro-brasileira do encantamento. Diz ser uma literatura que está ligada as infâncias, às crianças que precisam se encantar pelos seus próprios corpos negros apesar de se sociabilizarem em contextos violentos e racistas.

Durante séculos a construção da identidade negra na infância acabou sendo prejudicada uma vez que as crianças não se encontravam nas histórias. A literatura infantil tem um desenvolvimento mais tardio se comparada a literatura para o público adulto. Com o surgimento do conceito de infância após a Idade Média, nasce a tentativa de ressignificação do sentido dessa infância, junto com ele vem as preocupações acerca da escolaridade da criança. Nesse contexto, cria-se uma literatura readaptada para as mesmas. Pois, boa parte do

século XX as crianças têm contato com uma literatura estrangeira, os conhecidos popularmente “contos de fada”. Esses contos ficaram sendo referência para as crianças durante muito tempo, no entanto nada têm a ver com a história de formação e construção da nossa identidade negro brasileira.

Acredita-se que a infância é uma construção histórica. No entanto, para a cultura do ocidente assim como a Literatura infantil, o conceito de infância também é tardio. Pois durante a Idade Média muitas doenças traziam a incerteza da vida. Muitas crianças nasciam e morriam logo, a concepção que se tinha de criança era de um miniadulto. Isso só passa a ser pensado com o nascimento e a ascensão da família burguesa, sendo assim começa a se pensar e atribuir novos sentidos para a infância. O início dos estudos do folclore europeu resgata contos orais que são adaptados pelos irmãos Grimm, por Charles Perrault, Joseph Yocobs, Lewis Carroll, entre outros. Acredita-se que essas adaptações se dão pelo fato de os contos originais trazerem histórias cruéis e pesadas para o universo infantil, portanto, cria-se uma literatura adulta adaptada para crianças. Uma literatura que não tem relação com a nossa história e memória, uma literatura estrangeira.

Oliveira (2020) diz que para os povos indígenas e africanos a infância não tem necessariamente ligação direta com as “etapas do desenvolvimento” de Piaget, por exemplo. Nessa perspectiva a infância negra não está condicionada a ações predeterminadas por faixa etárias, por maturação biológica, mas sim pela tradição. Essa tradição possibilita o desenvolvimento de um ser humano integral. Um ser humano que pensa, que sente, que dança, que canta, que conta histórias, que tem memórias, se emociona, se solidariza etc. O processo de aprendizagem se dá de corpo inteiro.

Em sua obra *O Black Power de Akin*, a autora resgata esse tipo de aprendizagem, significativa. Na perspectiva afrorreferenciada, a cabeça não se coloca acima das outras partes do corpo. Segundo a autora, esse contexto favorece o desenvolvimento de um sujeito que pensa e fala de um corpo negro vivido no presente, na modernidade, mas que não desconsidera o tempo circular a partir de princípios ancestrais africanos, corpo considerado inclusive um território sagrado, ocupado pelo espírito e onde ambos rompem tempos e espaços, devendo ser tratados com muito respeito, ritualizado, sempre o exaltando através dos ritos de passagem e de brincadeiras.

De acordo com esse pensamento, Renato Nogueira (Portal Geledés, 2015), nos apresenta o termo afroperspectividade, que se entende como sendo uma linha de abordagem,

uma forma de se posicionar que procura dialogar com os povos originários em território da América Latina. Essa linha entende que há outros tipos de abordagens filosóficas pluralistas que reconhecem a existência de várias perspectivas, ou seja, não há somente uma maneira de olhar o mundo.

O autor nos apresenta uma linha de abordagem que rompe com a lógica que canoniza o conhecimento, à medida que ele diz que somos plurais e temos diversas formas de pensar nossa existência e nossas relações no mundo e que, portanto, não se pode privilegiar apenas uma linha de produção de conhecimento. Fala também do racismo epistemológico como algo que contrapõe esse pensamento plural e o coloca como sendo uma das dimensões mais perniciosas da discriminação étnico-racial negativa. Em linhas gerais, ele coloca que significa a recusa em reconhecer que a produção de conhecimento de algumas pessoas seja válida por duas razões:

- 1) Porque são brancas;
- 2) Porque as pesquisas e resultados da produção de conhecimento envolvem repertório e cânones que não são ocidentais.

E, por fim, sugere como um ponto importante para minimizar essa disputa a prática de diversificar as leituras. É importante ressaltar que o combate a essa disputa começa por deixar de privilegiar os modelos epistemológicos ocidentais.

Na obra negro-brasileira de Kiusan de Oliveira, também há a tentativa de resgate da *ancestralidade*, da *oralidade* e da *cooperatividade*, quando o avô, Seu Dito Pereira, vai até à escola de Akin para contar à turma a riqueza da história do povo negro e africano:

- Hoje, vamos à escola com você, mostrar nossa crespitude – disse o avô.
E antes que o menino pudesse responder, completou:--- Vou levar o hidratante e o pente de marfim para que você os mostre à sua professora e colegas da turma.
No pátio, as crianças estão todas em filas. À frente da fila da turma de Akin, está sua professora, Dona Geni. Seu Dito Pereira foi até ela.
-- Bom dia, Seu Dito!
-- Dia bom Dona Geni! Hoje, resolvi visitar a escola e trouxe aqui um pouco da história da minha família para vocês. Posso mostrar? (OLIVEIRA, 2020, p.30)

A *ancestralidade* aparece quando ele leva para a escola o álbum de fotografias e a história dos seus, que inclui Akin. A *oralidade* está presente nas falas do avô, nas histórias que ele leva para o espaço escolar. A *cooperatividade* aparece na capacidade de compartilhar seus saberes ancestrais, pois esse valor civilizatório também inclui o ato de se ocupar com o outro, resgatando a cultura da coletividade.

A escola do menino Akin possibilitou um trabalho de ressignificação do currículo escolar. À medida que recebeu o avô para se apropriar, explorar e compartilhar saberes que historicamente são considerados “marginalizados”, subalternos e hierarquizados. O documento do MEC (2006), das Orientações e Ações para as Relações Étnico-Raciais é uma proposta para subsidiar o trabalho pedagógico na intenção da construção de uma pedagogia antirracista. Se propõe apresentar aos agentes do processo educativo princípios significativos e primordiais para uma abordagem positiva do tema no espaço escolar. Essa atitude da escola do menino Akin junto a seus ancestrais, dialoga com a perspectiva apresentada por esse documento.

A proposta de repensar esse currículo é de fato um dever a se cumprir, ressignificar e executar de maneira coletiva os valores e princípios que norteiam a cultura afro-brasileira. Um país com essa diversidade racial precisa ser explorado e isso deve enriquecer os conteúdos escolares ensinados na escola. Acredita-se que esses conteúdos quando abordados de forma a valorizar a cultura negra caminham para apontar a importância desta população para a construção da identidade brasileira. O espaço escolar segundo as orientações deve ser de aprendizagens, movimento, trocas, de vida, de axé (energia vital), lugar potencializador de saberes, da existência etc.

O ato de compartilhar saberes praticado por Seu Dito Pereira, segundo Renato Nogueira (2020), resgata uma *oralitura*, que dialoga com a tradição oral levada por esse avô. O termo compartilhado pelo autor vem a ser um corpo de textos orais que passam pela tradição. É como se fosse uma biblioteca, esses textos orais passam de uma pessoa para outra dentro de uma tradição específica. O Candomblé, a Umbanda, por exemplo, não têm um corpo escrito, mas tem uma oralitura. O avô de Akin leva até a escola e para seus netos esses textos que têm uma consistência, ele é um sujeito histórico. Alguém capaz de manter essa palavra viva, esses textos circulando, ele é um “Guardião da memória”. Para as sociedades africanas a tradição oral é fundamental para manter viva a história e a memória de um povo.

Outro resgate importante preservado pelo avô é a tradição da cultura de cultivo à terra, a qual os povos originários resistem para manter viva até os dias de hoje. Pensando ao longo da história, o europeu não havia familiaridade com a cultura da terra, tinham a atividade do comércio como mais desenvolvida, portanto, essa tradição é mantida pelos povos originários. Os africanos especificamente, foram os povos que sabiam as técnicas de irrigação e também sabiam cultivar a terra. A influência nesse ramo foi primordial e fundamental para a

construção dessa nação. O avô diz para Akin que as plantas são guardiãs das seivas que curam, essa fala exemplifica a cosmovisão africana. A narrativa traz essa tradição lindamente:

- Vamos para o quintal caminhar entre as flores e as plantas. Elas, guardiãs das seivas que curam, precisam testemunhar o que estamos vivendo para conseguirem te curar.

No quintal, Femi e Kayin rapidamente se sentam entre pés altos de manjeriço e margaridas amarelas e brancas. Femi pega flores e as coloca nos cabelos. Eles olham um para o outro e dão uma gargalhada gostosa.

Seu Dito Pereira e Akin caminham na roça, entre as árvores e os canteiros de ervas e as coloca no nariz de Akin para ele também sentir os aromas.

(OLIVEIRA, 2020, p.23)

Figura 8- Páginas 24 e 25 do livro "O Black Power de Akin"



Fonte: O Black Power de Akin, Oliveira, 2020, p.24 e 25.

A autora Kiusam de Oliveira conta em uma live que essa receita que o avô de Akin faz na narrativa para o Black Power dele é a mesma receita que sua mãe aprendeu com sua avó, a avó com a bisavó e a bisavó com a tataravó dela. Segundo a autora, Akin é cura! Nilma Nilo Gomes faz referência a Boaventura de Souza Santos no que se refere a “Ecologia de saberes”.

No caso da emancipação, tendo em vista o fato de esta ser o espaço-tempo no qual é possível produzir a ecologia de saberes, (SANTOS, 2004), tentaremos apresentar o corpo emancipado nessa perspectiva, em vez que os saberes produzidos pela comunidade negra e sistematizados pelo Movimento Negro localizam-se nos campos não hegemônicos e contra-hegemônicas, os quais tensionam o cânone da ciência moderna. (GOMES, p.96)

Nilma Lino Gomes, baseado em estudos de Santos (2002), também vai dizer que a tensão entre regulação e emancipação, ancoradas no viés da modernidade ocidental traz duas formas de conhecimento: o conhecimento-regulação e o conhecimento-emancipação. No conhecimento emancipação o estado de ignorância é denominado colonialismo, e o estado de saber é designado solidariedade. Ou seja, representa a trajetória entre o que o poder hegemônico torna marginal, invisível, não oficial e o estado de saber que é visto de maneira positiva, carrega o princípio da solidariedade. Emancipar é, portanto, ressignificar o que durante séculos foi visto como negativo, como atraso, como menos importante e subalterno. Já o conhecimento-regulação, é a trajetória entre o estado de ignorância denominado caos, e um estado de saber designado ordem. Segundo a autora, no último século o conhecimento foi regulado pela hegemonia. E nesse caso, a ordem transformou-se na forma hegemônica de saber (de que o cânone é exemplo) e o caos na forma hegemônica de ignorância.

Entendendo essa lógica de GOMES (2021) baseada em estudos de SOUZA (2002), a narrativa de Kiusam de Oliveira é uma forma de preservar a memória ancestral que se alinha a Ecologia de Saberes de SANTOS, à medida que traz essa relação afetiva com a terra, com as ervas plantadas no quintal do Seu Dito Pereira, e que é mantida pela tradição quando ele ensina seus netos a desenvolverem e darem continuidade a preservação desse cultivo. Partindo dessa análise, a hegemonia do conhecimento-regulação (ordem) permitiu a recodificação do que se tinha como conhecimento-emancipação. Desta forma, o que era saber no conhecimento-emancipatório transforma-se em ignorância e o que era ignorância no conhecimento-emancipação transforma-se em saber (o colonialismo foi recodificado com ordem).

Tais reflexões acerca dessa pesquisa nos remete ao que diz a grande Conceição Evaristo: “Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer”. E o “não morrer” significa não deixar nossa história, nossos valores, nossa música, nosso gingado, nosso ritmo, nossa alegria, nossos saberes, nossa oralidade, nossa circularidade, nossa literatura morrer. A Literatura negro-brasileira é a prova de que não houve morte. Nossa ancestralidade nos manteve e nos mantém vivos, fortes e potentes.

O quadro comparativo abaixo tem a intenção de destacar a África em sua diversidade. A diáspora africana trouxe diversos africanos para o Brasil. Eles instituíram valores civilizatórios que estão inscritos em toda a população brasileira. Essa análise comparativa segue a perspectiva proposta pela autora Azoilda Loretto da Trindade, a dos valores

civilizatórios afro-brasileiros. O Brasil é o segundo país do mundo em população negra, pois o primeiro é Nigéria. Fato que nos leva a reflexão de que esses valores estão em nossa memória, em nossa forma de ser, de se relacionar, de estar no mundo, de produzir arte, literatura, ciência, arquitetura, na religião, ou seja, esses valores são parte do processo de formação da nossa identidade enquanto negros e ou afro-brasileiros.

Partindo dessa perspectiva, foi preciso analisar: se esses valores aparecem nessas obras, se há a ausência deles, se aparecem e como eles aparecem, que importância eles têm e quais os desdobramentos e implicações eles têm no processo de afirmação da identidade negra na infância. Esses aspectos estarão destacados na tabela abaixo:

Tabela: *Análise de valores civilizatórios afro-brasileiros nas obras literárias*

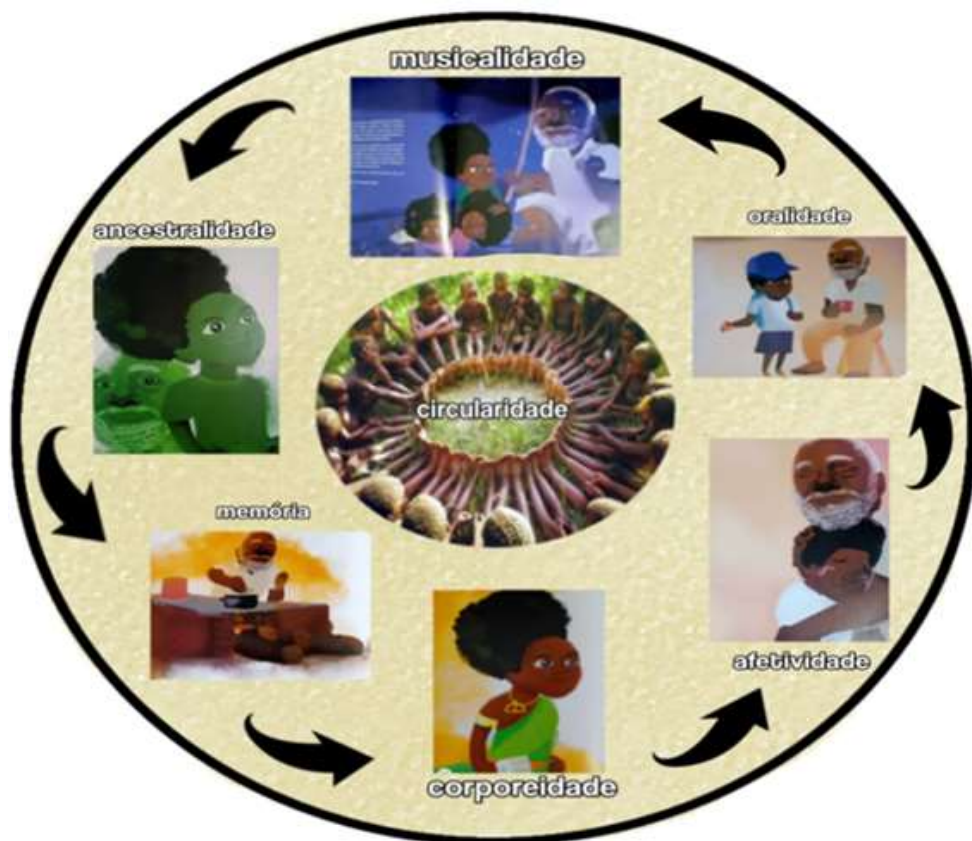
CRITÉRIOS DE ANÁLISE DA OBRA	MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA	BLACK POWER DE AKIN
EXISTÊNCIA NO MUNDO	Explicação pautada na “anormalidade”	Explicação pautada na ancestralidade.
AFETIVIDADE	Relação afetiva de carinho, porém a narrativa não mostra momentos de conversas entre mãe e filha.	Relação afetiva de acolhimento, empoderamento e encorajamento do avô com o menino Akin.
ELEMENTOS DA TRADIÇÃO AFRICANA	As tranças.	O berimbau, as histórias que o avô contava, a receita ancestral para o cabelo, o black power, o pente garfo, a pasta de fotografia dos avós e o guerreiro (que se assemelha ao orixá Oxossi) aparece no sonho de Akin.
CORPOREIDADE	Há a valorização da beleza negra da menina.	Há a valorização da beleza negra de Akin. Corpo aparece como ancestralidade e memória.
ANCESTRALIDADE	É colocada de forma vaga. A menina demonstra não conhecer a sua história e quando sua mãe toca na questão ela não é problematizada.	Toda a narrativa é pautada pelo princípio da ancestralidade.
COOPERATIVIDADE	Não fica muito evidente esse valor civilizatório na narrativa.	A escola de Akin recebe o avô para compartilhar seus saberes ancestrais.

CIRCULARIDADE	Não fica muito evidente esse valor civilizatório na narrativa.	O som do berimbau resgata na narrativa a tradição da capoeira que acontece em roda. A roda de conversa que acontece na escola quando o avô vai até a escola de Akin e a roda de conversas quando o avô se senta com os netos.
MUSICALIDADE	Não fica muito evidente esse valor civilizatório na narrativa.	som do berimbau do Seu Dito Pereira. A ladainha.

Fonte: Tabela produzida pela pesquisadora para essa pesquisa.

O Esquema visual que evidencia a potência da Literatura negro-brasileira mostrando trechos da Obra de Kiusan de Oliveira. Está fundamentado teoricamente em estudos de Azoilda Loretto da Trindade:

Figura 9 Valores civilizatórios afro-brasileiros em O Black Power de Akin



Fonte: Esquema criado pela pesquisadora.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa pretendeu entender como o cânone literário se apropria das temáticas étnico-raciais, de forma a romantizar e estereotipar o negro brasileiro. Além disso, buscou analisar que esse cânone influenciou e segue influenciando uma construção étnico-racial pautada no ideário do mito da democracia racial. Buscou também compreender como a literatura canônica eurocêntrica que tem como base a ciência moderna acaba por marginalizar, apagar e silenciar outras vertentes literárias que resgatam e preservam valores histórico-culturais que não sejam os do colonizador.

Para se atingir uma compreensão do objetivo geral, definiu-se três objetivos específicos. O primeiro objetivo verificou-se que o Movimento Social Negro foi um dos grandes responsáveis pelos avanços que tivemos na luta por políticas públicas específicas para a população negra e principalmente no âmbito Educacional. Através da atuação do Movimento Social Negro Brasileiro houve uma maior politização de parte da negritude. É através desse processo que é feito na tensão entre o ato de denúncia e anúncio das questões da trajetória negra no Brasil que se começa a pensar o negro na literatura. Nesse processo surgem diversas leis e uma delas é a Lei 10.639/2003 que depois vem a ser a 11.645/2008, esse marco é importante pois os espaços escolares passam a serem obrigados a repensar como as questões da negritude estão sendo abordadas ou até silenciadas. E pensar essas questões é pensar também que tipo de literatura os estudantes estão tendo acesso. Outro documento importante e construído nesse período são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais e para o Ensino de História e cultura afro-brasileira e africana.

O segundo objetivo específico, permitiu perceber que a autora canônica Ana Maria Machado escreve uma narrativa com a temática étnico-racial sem se apropriar da história, da memória e da trajetória da negritude no Brasil. Suas personagens negras da narrativa: a menina bonita do laço de fita e sua mãe, a dita “mulata” demonstram não conhecer a história de seu povo e os valores afro-brasileiros que constituíram essa população preta. A autora apresenta o negro como tema na narrativa, expressando assim a visão distanciada da negritude.

O terceiro e último objetivo específico se propôs a discutir o processo de construção da identidade negra na infância, sob a perspectiva dos valores civilizatórios afro-brasileiros. Essa análise permitiu compreender o potencial que a literatura negro-brasileira tem para a

valorização da autoestima e do empoderamento da criança negra, através de uma narrativa que resgata as subjetividades dessas crianças pretas e trabalha valores afro-brasileiros.

Akin e Seu Dito Pereira são personagens que trilham os caminhos da ancestralidade africana. Uma narrativa que resgata e preserva valores que semeiam afeto, sabedoria e ancestralidade. Esses valores afro-brasileiros como: afetividade, circularidade, musicalidade, corporeidade, oralidade e cooperatividade demolem o preconceito e semeiam o respeito. Essa literatura tem como principal objetivo instrumentalizar e fortalecer as crianças negras com narrativas que possibilitem refletir sobre as vivências do racismo em seu cotidiano, de modo que criem formas para combater o preconceito racial e crescerem seguras, confiantes e conscientes de que são produtoras de conhecimentos pois suas histórias importam.

Acredita-se que a hipótese do trabalho de que o cânone literário se apropria das temáticas étnico-raciais de uma forma estereotipada sem problematizar valorizar a trajetória negra, confirma-se pelo fato de entender-se que a narrativa da Menina bonita do laço de fita foi publicada pela primeira vez em 1986 e está até os dias de hoje com novas (reedições ou reimpressões). Ela é tida como referência nos espaços escolares e é explorada somente pelo fato de existir uma personagem negra na história.

Esse tipo de abordagem pontual favorece a concepção do Mito da Democracia racial. Pois não se discute a questão étnico-racial e não se trabalha com narrativas pretas fora do mês de novembro. Vale lembrar que a autora Ana Maria Machado tem cadeira na Academia Brasileira de Letras, esse fato reforça a hipótese de sua narrativa ser canônica.

A literatura negro-brasileira é uma importante e potente ferramenta que possibilita um trabalho pedagógico que desenvolva práticas antirracistas. A autora Kiusam de Oliveira é alguém que viveu e vive o racismo na pele, portanto essa escrita é uma escrita de vivência e essência. A narrativa negro-brasileira de autoria negra além de ser uma escrita usada como um lugar de reflexão da experiência negra, ela também empodera e cria possibilidade para novas vozes e experiências de quem vive e sente o racismo de fato.

Essa pesquisa abre novos olhares para se pensar uma literatura para crianças que tenham outros valores. Valores esses ancorados em uma perspectiva coletiva de sociedade, de mundo, de ser humano, de educação, de cultura e de formas de vida. Esse re-olhar passa também pela necessidade de obter-se avanços nessa construção de narrativas de empoderamento entre os autores brancos, pois o racismo é uma temática que precisa ser discutida por toda a sociedade. Portanto, é extremamente importante que autores brancos

ressignifiquem suas narrativas e que criem personagens livres dos estereótipos e das construções que alimentam o mito da democracia racial.

No percurso dessa especialização o trabalho pedagógico por mim desenvolvido com a literatura sofreu transformações que ocorreram na tensão entre o ato de denunciar e o de anunciar, como preconiza o educador Paulo Freire.

No início, minha postura ao abordar os temas étnico-raciais na literatura se pautava majoritariamente pelas denúncias das injustiças históricas perpetradas contra a população preta e perpetuadas no presente. Percebia que a literatura explorada no primeiro segmento do Ensino Fundamental não contemplava nossas crianças. Nós educadores, conhecíamos melhor os contos de fada como: A Chapeuzinho vermelho, A Branca de neve e os sete anões, os três porquinhos, Pinóquio, O patinho feio, A bela adormecida, A bela e a fera etc. Acreditava que essa era uma literatura propriamente para crianças.

A partir de 2003 com a aprovação da Lei 10.639 essa discussão étnico-racial começa a chegar na escola e mesmo que somente no mês de novembro. Narrativas como: A menina bonita do laço de fita, O cabelo de Lelê e Bruna e a galinha de Angola chegam nos espaços escolares, porém a narrativa de Ana Maria Machado ganha maior força e se torna referência na temática racial. Por um bom tempo trabalhei com ela. Essa concepção do colorismo e do mito da Democracia racial me atravessou durante um bom tempo, me via como a “moreninha”. Cresci me negando e alisando meus cabelos, ouvia da minha mãe que tinha a pele mais clara, então não era negra. Me reconhecer como uma mulher negra foi uma construção. Mesmo sentindo e vivenciando o racismo na pele as falas de minha mãe uma mulher de pele mais clara fez parte desse processo. A história de vida e de luta de meu pai que me criou, um negro de pele retinta foi crucial para essa minha construção. Acredito que essa concepção étnico-racial pautada no colorismo e no discurso do mito da democracia racial é dominante no Brasil.

Em 2019, realizei um trabalho com um livro de autoria negra com uma turma de terceiro ano de escolaridade. Esse trabalho foi muito significativo e me levou para essa especialização, pois o envolvimento das crianças com a narrativa foi muito forte. A fala de uma aluna que dizia: - Professora, esse teatro do livro Luzia me fez viver o dia mais importante e feliz da minha vida! Essa fala carregada de afetividade, foi resultado de um trabalho coletivo que resgatou muitos valores civilizatórios afro-brasileiros.

O mais importante de toda essa trajetória traçada por mim nessa especialização é destacar o quanto minha prática pedagógica hoje passa a ser fundamentada e embasada teoricamente. Antes minha postura apenas revelava as dores do nosso povo, além de revelar a angústia que sentia como profissional que, sensibilizada pela problemática do racismo estrutural não sabia quais ferramentas utilizar no combate ao racismo e no empoderamento das crianças de maneira a revelar suas potências.

Outra questão importante que construí com essa especialização foi a busca por positivar e ressignificar a história do nosso povo preto. Pois antes ficava pautada na perspectiva da dor e sofrimento, com isso acabava não sabendo como mostrar a potência da negritude. Encontrei a literatura como uma forma de trazer para a sala de aula a temática étnico-racial, no decorrer do curso a postura de denúncia foi cedendo espaço para a de anúncio. Hoje, trago comigo Kiusam de Oliveira, Rodrigo França, Emicida, Júlio Emílio Braz, Sônia Rosa, Nilma Lino Gomes, Verônica Cunha, Otávio Júnior e sigo buscando e me encantando com esses autores pretos que estão verdadeiramente comprometidos em fazer as crianças pretas se encantarem pelos seus corpos, história, por sua beleza, por seu modo de ser, de sentir e estar no mundo. Por serem quem elas são e crescerem construindo sua identidade pautada na positividade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília, 2006;

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro- brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010;

FILHO, Domício Proença. **A trajetória do negro na literatura brasileira, Estudos avançados**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100017>

GOMES, Nilma Lino. **Descolonizar os currículos: um desafio para as pesquisas que articulem a diversidade étnico-racial e a formação de professores**, In Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012. Disponível em: http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/5_Gomes_N%20L_Rel_etnico_raciais_educ%20e%20descolonizacao%20do%20curriculo.pdf. Consultado em 25/08/2022.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: vozes, 7ª reimpressão, 2021;

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do laço de fita**. Ilustração de Claudius. Rio de Janeiro: Ática, 9ª edição, 10ª impressão, 2000;

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 4 ed. 2ª Reimpressão. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020;

NGOZI ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019;

OLIVEIRA, Kiusam de. **O Black Power de Akin**. 2 ed. Ilustração de Rodrigo Luís de Andrade. São Paulo: Editora Cultura, abril de 2020;

OLIVEIRA, Kiusam. **Literatura negro-brasileira do Encantamento e as infâncias: reencantando corpos negros**. v. 1 n. 3 (2020): Feira Literária Brasil - África de Vitória/ES. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/flibav/issue/view/Flibav2020>.

PASSOS, Leandro; PASSOS, Luana. **O processo de afirmação da identidade negra em O Black Power de Akin de Kiusam de Oliveira e ilustração de Rodrigo Andrade**. v. 20, n. 35 (2021). Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/57458>

PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Territórios cruzados: relações entre cânone literário e literatura negra e/ou afro-brasileira**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/1035-territorios-cruzados-relacoes-entre-canone-literario-e-literatura-negra-e-ou-afro-brasileira1>

AMORIM, Tomaz. **Entrevista com Renato Nogueira: Afroperpectividade: por uma filosofia que descoloniza.** Disponível em: <https://www.geledes.org.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/>. Consultado em 20/02/2022 – 17:12h

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista.** Companhia das Letras, São Paulo: 2019.

SILVA, Maurício. **A cor da palavra: literatura infanto-juvenil brasileira e relações étnico-raciais, cadernos de estudos culturais.** v. 9 n. 18 (2017): Tendências Teóricas do Século XXI (ISSN: 1984-7785). Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/issue/view/387>

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro: As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social.** Rio de Janeiro: Editora Graal, 1990;

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores Civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil.** Disponível em: <https://culturamess.files.wordpress.com/2012/01/valoresafrobrasileiros.pdf>. Consultado em 15/08/2022, às 07:46.